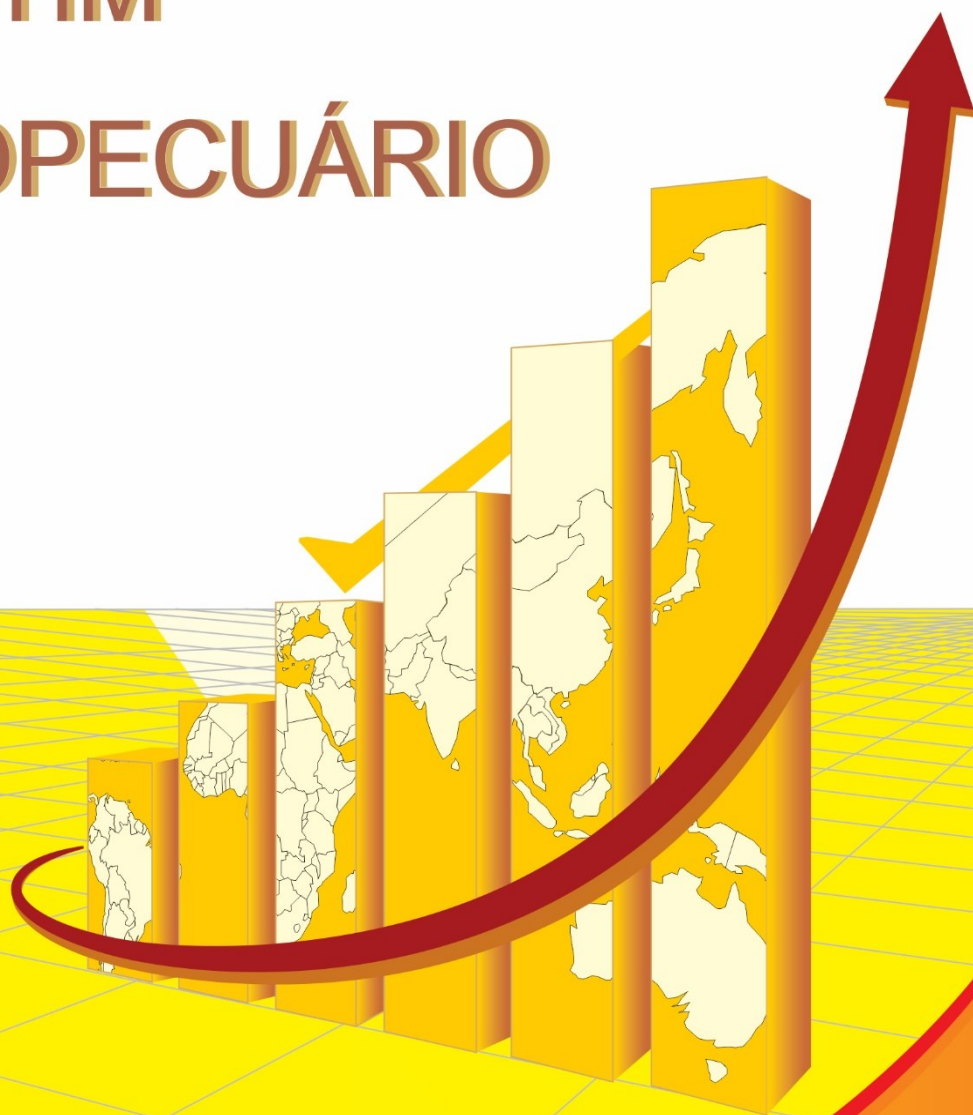


BOLETIM AGROPECUÁRIO





Governador do Estado
Carlos Moisés da Silva

Secretário de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural
Ricardo de Gouvêa

Presidente da Epagri
Edilene Steinwandter

Diretores

Célio Haverroth
Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira
Administração e Finanças

Humberto Bicca Neto
Extensão Rural e Pesca

Vagner Miranda Portes
Ciência, Tecnologia e Inovação



ISSN: 0100-8986 (impresso)
ISSN: 2674-9521 (on-line)

DOCUMENTOS Nº 317

Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Glaucia de Almeida Padrão
Haroldo Tavares Elias
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Rogério Goulart Junior
Tabajara Marcondes



Florianópolis
2020

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Revisão técnica: Léo Teobaldo Kroth/Dilvan Luiz Ferrari – Epagri/Cepa

Colaboração:

Andressa Mariani Bee – Caçador (UGT 10)

Bruna Parente Porto – Florianópolis (UGT 7)

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa

Orlando Fuchs – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)

Maurício E. Mafra – Ceasa/SC

Nilsa Luzzi – Jaraguá do Sul (UGT 6)

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Edição: julho de 2020 – (*on-line*)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

EPAGRI/CEPA. **Boletim Agropecuário**. Julho/2020. Florianópolis, 2020, 46p. (Epagri. Documentos, 317).

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 – 70). Em abril/2019 passou a integrar a série Documentos com numeração própria.

Análise de mercado; safras; conjuntura.

ISSN: 0100-8986 (impresso)

ISSN: 2674-9521 (*on-line*)

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Edilene Steinwandter
Presidente da Epagri

Sumário

Fruticultura	7
Maçã	7
Grãos	10
Arroz	10
Feijão	12
Milho.....	14
Soja	18
Trigo.....	21
Hortaliças	24
Alho.....	24
Cebola	27
Pecuária	29
Avicultura.....	29
Bovinocultura	34
Suinocultura.....	38
Leite	44

Fruticultura

Maçã

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br

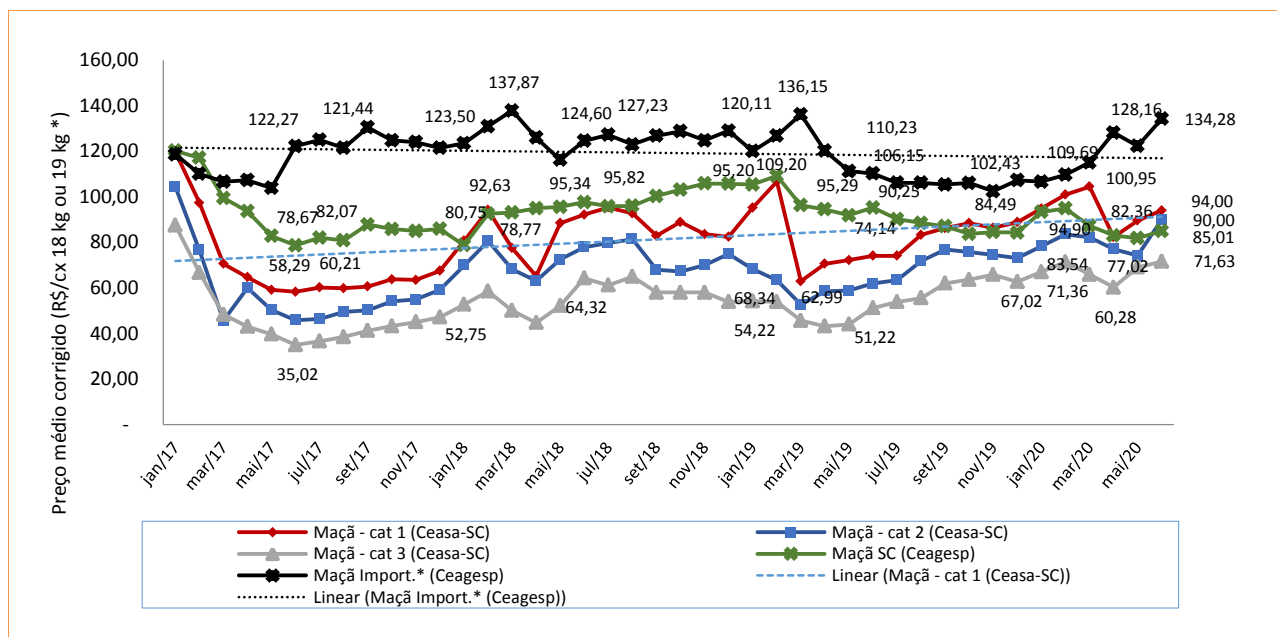


Figura 1. Maçã – Evolução do preço médio mensal no atacado

(*)Cat. 1, 2 e 3 = classificação vegetal para maçã referente à Instrução Normativa n.5 de 2006 do MAPA.

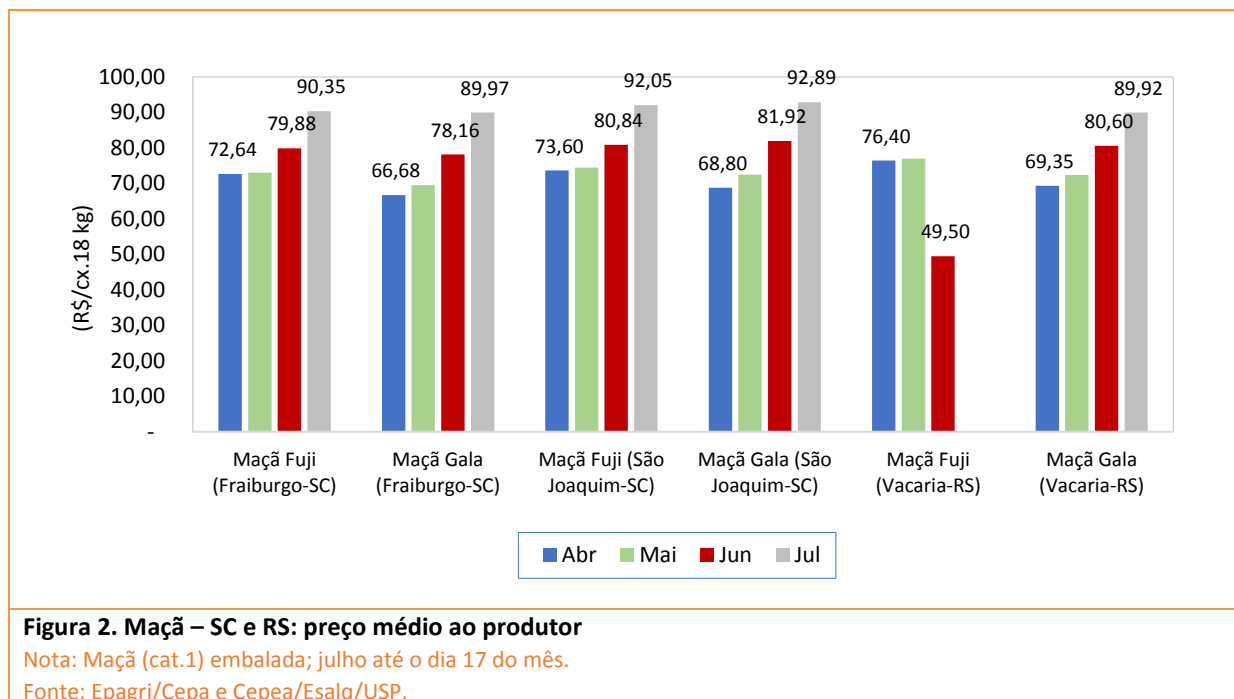
Nota: preço corrigido pelo IGP-DI (jun./20=100).

Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp.

Na Ceasa/SC, entre abril e maio houve valorização mensal nos preços da maçã categoria 1 em 8,79% e de 24,0% em relação ao mesmo mês no ano anterior. As cotações das categorias 2 e 3 representam 83% e 77% do valor da fruta da cat. 1, respectivamente. Em junho de 2020, as cotações da maçã cat. 1 estavam 26,8% acima dos valores de junho de 2019 e 2,0% acima os de 2018, sendo que a cat. 2 representava 96% do valor da cat. 1 no mês. O preço de comercialização da cat. 2 desvalorizou 3,70% em relação à maio, devido a maior proporção de frutas miúdas na safra, mas segue valorizado em 45,1% frente às cotações de junho do ano anterior. Já a categoria 3, que estava com suas cotações desvalorizadas entre fevereiro e março, recuperou seus preços com valorização de 14,6% em junho e de 39,8% em relação ao mesmo mês de 2019.

Na Ceagesp, em maio o preço da maçã catarinense estava desvalorizado 1,45% frente às cotações do mês anterior. Em relação ao ano anterior, a maçã de origem catarinense está desvalorizada desde o começo de 2020. Este valor representa 91% do negociado em Santa Catarina para fruta cat.1. Nesta safra 2019/20, estima-se que 50% da produção seja de cat.1, 20% de cat. 2 e 30% de cat.3. No mês de junho, o preço da fruta estadual na central paulista começou a recuperar, com valorização de 3,89% em relação à 2019.

No primeiro semestre de 2019 e 2020, a central paulistana apresentou redução de 8,9% no volume comercializado de maçãs. No primeiro semestre de 2020, a quantidade comercializada da maçã catarinense foi de 28,3 mil toneladas, que representou 53,8% do total da fruta comercializado no período no entreposto.



Na região de Fraiburgo, a maçã Fuji, após a desvalorização nas cotações de 6,9% em abril, devido a diminuição relativa da demanda com o aumento da oferta no final da colheita da variedade, o mês de maio manteve os preços constantes com a estratégia de redução da classificação para aumentar o valor da fruta. A partir de junho, houve valorização de 9,4% nos preços das frutas de tamanho médio a graúdo, com oferta controlada no mercado. Na primeira quinzena de julho, a cultivar valorizou 13,1%, em relação ao mês anterior. A maçã Gala apresentou tendência de valorização nas cotações de 1,5% a partir de abril, 4,2% em maio e 12,5% no mês de junho. Nos primeiros quinze dias de julho, em relação ao mês anterior o preço já havia valorizado 15,1%. A estratégia é de diminuição na oferta da variedade para comercialização no segundo semestre, além de direcionar as maçãs de menores calibres para exportação de frutas “in natura” e de suco da fruta.

Em São Joaquim, a estiagem afetou a formação das gemas, o que ocasionou menor participação de frutas graúdas no volume total produzido. A maçã Fuji, de média a graúda, valorizou 8,6% em junho em relação à maio. Na primeira quinzena de julho, as cotações valorizaram 13,9% em relação ao mês anterior. Com menor participação da variedade no total das frutas, os preços seguem valorizados, em função da menor oferta da cat. 1 graúda, principalmente. Com cerca de 45% da produção comercializada, a oferta está reduzida, com frutas sendo direcionadas para armazenamento em atmosfera controlada até o início do segundo semestre de 2020. A maior procura pela maçã Gala manteve as cotações entre junho e o início de julho, com valorização mensal de mais de 13% nos preços ao produtor.

Na região de Vacaria (RS), com menor volume produzido nesta safra em comparação à passada, devido principalmente à forte estiagem, a estratégia de escoar grande parte da produção de frutas médias e miúdas para exportação “in natura”, contribuiu para o aumento nas quantidades enviadas do Rio Grande do Sul para os principais países europeus e asiáticos. Com apenas maçãs Fuji miúdas disponíveis para negociação, o preço da variedade na região desvalorizou 35,7% entre maio e junho. Já para a maçã Gala, o aumento da demanda de centrais de abastecimento e redes de varejo nas principais regiões metropolitanas do estado aqueceu as compras das frutas. Com isso, as cotações da cultivar se mantiveram com valorização mensal de mais de 11% entre junho e primeira quinzena de julho.

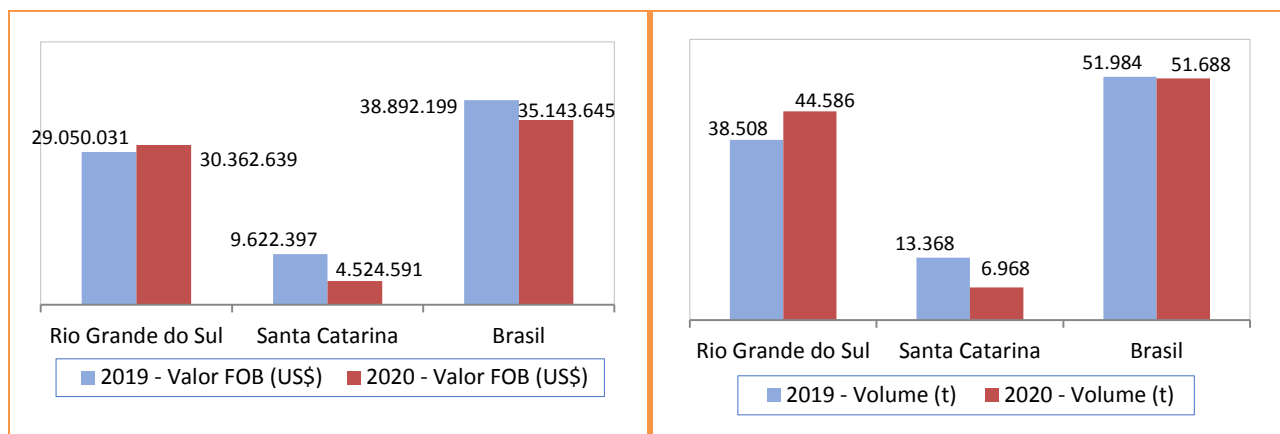


Figura 3. Maçã – Exportações dos principais estados e brasileira no 1º semestre de 2019 e 2020

Fonte: Comexstat/MDIC.

As exportações brasileiras de maçãs, entre o primeiro semestre de 2019 e 2020, apresentaram redução de 9,6% no valor negociado e de 0,6% no volume comercializado. Em 2020, Santa Catarina apresentou redução de 47,9% na quantidade comercializada e de 53,0% no valor negociado em relação aos primeiros seis meses do ano anterior. Porém, o estado catarinense aumentou a exportação de suco de maçã em 50,8%, chegando a 7,6 toneladas, com aumento de 59,6% no valor negociado entre janeiro e junho de 2019 e 2020, com mais de US\$9,5 milhões. Com a redução da oferta interna houve aumento de 28,3% no volume de importações, com 36,6 mil toneladas, no valor de US\$30,0 milhões. Mas, apresentou saldo positivo na balança comercial da fruta “in natura” de US\$ 8,8 milhões e de 15,4 mil toneladas de maçãs.

Tabela 1. Maçã – Santa Catarina: comparativo entre a safra 2018/19 e a estimativa de 2019/20

Principais MRG com cultivo de maçã	Estimativa 2018/19			Estimativa 2019/20			Variação (%)		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtiv. média (kg ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtiv. média (kg ha ⁻¹)	Área colhida (%)	Produção (%)	Produtiv. média (%)
Joaçaba	2.594	95.443	36.794	2.157	75.178	34.851	-16,8	-21,2	-5,3
Curitibanos	960	31.851	33.178	958	31.755	33.147	-0,2	-0,3	-0,1
Campos de Lages	11.764	467.129	39.708	10.248	380.087	37.087	-12,9	-18,6	-6,6
Outras	113	2.536	22.442	112	2.482	22.161	-0,9	-2,1	-1,3
Total	15.431	596.959	38.686	13.476	489.502	36.325	-12,7	-18,0	-6,1

Fonte: Epagri/Cepa (jul. 2020).

Como pode ser observado na Tabela 1, a estimativa para a safra 2019/20 é de redução em relação à produção de 2018/19, principalmente nas microrregiões dos Campos de Lages e de Joaçaba, com menor área colhida e produção em função de efeitos climáticos adversos, como o inverno de 2019 com horas de frio abaixo da média nas regiões produtoras, chuvas durante a florada na primavera e a estiagem no início do verão. Com o encerramento da safra da maçã Fuji nos Campos de Lages, se estimaram as perdas na quantidade produzida e área colhida.

Grãos

Arroz

Glaucia Padrão
Economista, Dr^a. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

Preços ao produtor

O mês de junho encerrou com preços ao produtor em alta em Santa Catarina, embora com menos força do que o observado nos meses anteriores. Comparativamente ao mês de maio, os preços ao produtor catarinense valorizaram 2,43%, enquanto no mercado gaúcho a variação foi de 1,93%. Conforme pode ser visto na Figura 1, o comportamento dos preços na safra 2019/20 teve comportamento atípico, principalmente a partir de abril deste ano. O comportamento sazonal indica que entre os meses de fevereiro e junho há uma queda acentuada nos preços, em função do período de colheita do grão, que aumenta a oferta interna e exerce pressão de baixa nos preços. Contudo, o avanço do coronavírus no mundo e as incertezas quanto ao abastecimento provocaram uma corrida aos mercados, reduzindo ainda mais os estoques industriais do grão. Graças a este cenário, combinado à expectativa de safra menor do Rio Grande do Sul, que enfrentou uma severa estiagem, em vez de seguir o comportamento esperado, os preços ao produtor subiram e permanecem com esta tendência. A permanência desses preços em patamares elevados depende, sobretudo, do comportamento da demanda, haja vista que a safra catarinense de arroz foi maior do que a observada no ano passado. Demanda esta que já mostra sinais de desaquecimento no varejo.

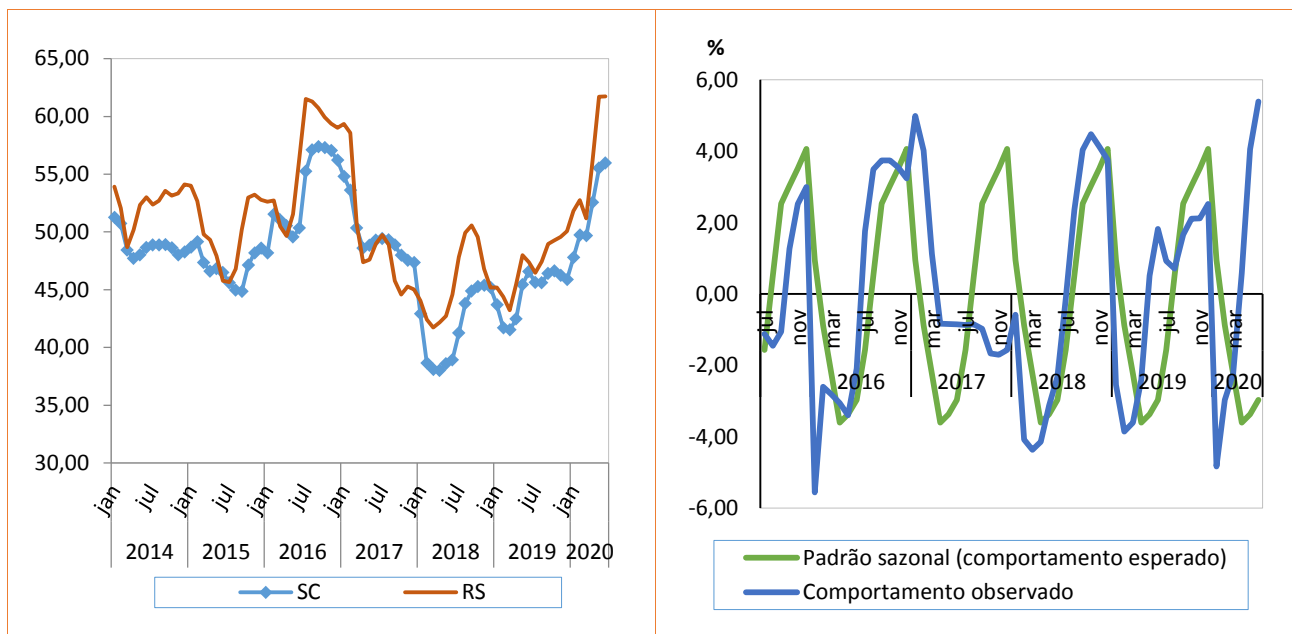


Figura 1. Arroz irrigado – Evolução do preço médio real mensal ao produtor (R\$/sc 50kg) – Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Jan./2014 a jun./2020) e comparativo do comportamento esperado e observado dos preços catarinenses (%)

Nota: ¹ Estimativa de preços médios da primeira quinzena de junho de 2020.

Preços corrigidos pelo IGP-Di (Base Maio/2020).

Fonte: Epagri/Cepa (SC) e Cepea (RS).

Comparativo de safra

Em relação ao desempenho da safra 2019/20, que encontra-se encerrada em Santa Catarina, observou-se que, embora o plantio tenha atrasado em relação à safra anterior, principalmente entre a primeira quinzena de setembro e outubro, em razão da estiagem, o andamento foi normal. Com a conclusão de um trabalho da Epagri em parceria com a Conab, de mapeamento via satélite das áreas de arroz irrigado no estado, foi realizado um ajuste das áreas municipais e, conseqüentemente, da área estadual. No início da safra estimava-se uma área plantada de aproximadamente 143 mil hectares, passando a valer a partir do mapeamento a área de 149,5 mil hectares, 4,19% a mais. Em relação à produtividade, observou-se que a região sul do estado obteve resultado superior ao obtido em safras anteriores, com média de produtividade acima de 170 sacos por hectare, além de muitas propriedades terem colhido acima de 10 toneladas por hectare. Entre as explicações para este bom desempenho estão o predomínio de cultivares de alto potencial produtivo a campo, a adoção de tecnologia e a condição climática favorável. Cabe destacar que os principais problemas encontrados na safra foram a falta de água em decorrência da estiagem e a ocorrência de plantas daninhas. Mas, apesar de todos os fatores que poderiam depor contra um bom desempenho desta safra, os resultados foram satisfatórios na maioria das regiões, com produtividade média quase 9% superior à obtida na safra passada no estado. Ao todo, a indústria catarinense terá disponível cerca de 1,2 milhão de toneladas de arroz em casca para beneficiamento.

Tabela 1. Arroz irrigado – Santa Catarina: comparativo entre as safras 2018/19 e 2019/20

Microrregião	Safr 2018/19			Estimativa atual – Safr 2019/20			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha) ⁽¹⁾	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	51.530	383.657	7.445	58.848	504.920	8.580	14,20	31,61	15,24
Blumenau	8.222	72.177	8.778	7.101	63.364	8.923	-13,63	-12,21	1,65
Criciúma	20.813	148.564	7.138	21.828	191.178	8.758	4,88	28,68	22,70
Florianópolis	1.950	13.591	6.969	1.902	11.783	6.195	-2,46	-13,30	-11,11
Itajaí	9.196	74.573	8.109	9.478	74.451	7.855	3,07	-0,16	-3,13
Ituporanga	190	1.772	9.326	171	1.503	8.790	-10,00	-15,17	-5,75
Joinville	18.225	149.657	8.212	18.226	150.295	8.246	0,01	0,43	0,42
Rio do Sul	9.782	83.759	8.563	10.668	89.466	8.386	9,06	6,81	-2,06
Tabuleiro	120	976	8.131	132	739	5.598	10,00	-24,27	-31,15
Tijucas	2.490	17.819	7.156	2.164	16.201	7.486	-13,09	-9,08	4,61
Tubarão	20.927	157.910	7.546	18.940	150.239	7.932	-9,49	-4,86	5,12
Santa Catarina	143.445	1.104.454	7.699	149.458	1.254.139	8.391	4,19	13,55	8,98

⁽¹⁾Áreas corrigidas conforme resultados da identificação das áreas de arroz irrigado em Santa Catarina por mapeamento via satélite.

Fonte: Epagri/Cepa (Julho/2020).

Feijão

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Em junho, os preços do feijão-carioca recuaram significativamente em quase todos os principais estados produtores. Para os produtores catarinenses que possuem produto disponível para venda, a redução no preço pago pela saca de 60kg foi de 12%. No Paraná, essa redução chegou a 10%, e no Mato Grosso do Sul, menos 24%. Já para o feijão-preto, as reduções nos preços pagos foram menores, com Santa Catarina registrando variação negativa de quase 3%. Em relação há um ano, os preços continuam bastante positivos aos produtores catarinenses, com a variação chegando a 87,5% para o feijão-carioca e 84,2% para o feijão-preto.

Tabela 1. Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor (R\$/60kg)

Estado	Tipo	Jun./2020	Mai/2020	Variação mensal (%)	Jun./2019	Variação anual (%)
Santa Catarina⁽¹⁾	Feijão-carioca	238,50	271,25	-12,07	127,22	87,47
Paraná		273,91	304,45	-10,03	116,51	135,10
Mato Grosso do Sul		256,90	338,57	-24,12	126,37	103,29
Bahia		301,25	312,74	-3,67	144,38	108,65
São Paulo		335,38	325,70	2,97	159,17	110,71
Goiás		288,53	321,11	-10,15	157,56	83,12
Santa Catarina	Feijão-preto	217,21	211,02	2,93	117,94	84,17
Paraná		221,25	219,80	0,66	116,56	89,82
Rio Grande do Sul		207,90	178,73	16,32	127,36	63,24

⁽¹⁾Preço Praça de Referência: Joaçaba, SC.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, BA, SP, GO, RS). Junho, 2020.

Safra

Em Santa Catarina, a cultura do feijão vem perdendo espaço a cada ano. Na safra 2019/20, já encerrada, a redução na área plantada foi de 3%. Além disso, o clima não foi favorável, a estiagem prolongada comprometeu as boas expectativas que existiam para essa safra. Como resultado, a produção foi 9% menor, com um rendimento médio inferior em 7%.

No estado, as condições climáticas permitem o plantio de duas safras da leguminosa, trata-se de uma cultura de ciclo curto, o que permite o cultivo de outra cultura de verão ainda dentro da janela de plantio viável, possibilitando ao produtor intensificar a produção de grãos no mesmo ano safra. A primeira safra de feijão, com época de plantio entre outubro e dezembro, e segunda safra, semeada entre janeiro e março, dão a oportunidade aos produtores diversificar sua produção, além de contribuir com a oferta de produto no mercado estadual e nacional por um maior período de tempo.

O desempenho da safra 2019/20 de feijão catarinense, constatamos que a área plantada de feijão primeira safra cresceu 2%. Porém, a estiagem que atingiu as lavouras no final do ciclo de cultivo reduziu a produtividade média em 3%, resultando numa produção praticamente igual à obtida na safra 2018/19. Essa safra se caracterizou por uma produção de boa qualidade comercial, aspecto que amenizou um pouco a redução na produtividade das lavouras.

Na segunda safra de feijão, tivemos como resultado dos efeitos da estiagem, uma redução de 10% na área plantada. O clima desfavorável reduziu o rendimento médio das lavouras em cerca de 15%, resultando numa produção 23% menor que a obtida na safra passada. A estiagem, que afetou as lavouras da implantação até a colheita, comprometeu a qualidade do produto ofertado ao mercado.

A safra 2019/20 total de feijão teve uma área plantada de 60,7 mil hectares, diminuição de 3%, redução na produção na ordem de 9%, com a colheita de 94,3 mil toneladas, e de 6% na produtividade, com um rendimento médio estadual de 1.555kg/ha. Cabe destacar que a atividade conta com a participação de mais de 34 mil estabelecimentos agropecuários em todo estado. Em 2019, o Valor Bruto da Produção (VBP) foi de R\$289 milhões, valor que corresponde a 0,86% do VBP da agropecuária catarinense. Esse número representa que uma redução de R\$30,5 milhões em comparação ao VBP de 2018.

Tabela 2. Feijão total⁽¹⁾ – Comparativo das safras 2018/2019 e 2019/2020

Microrregião	Safra 2018/2019			Safra 2019/2020			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod. (t)	Rend. médio
Araranguá	695	644	927	656	418	637	-6	-35	-31
Blumenau	92	104	1.130	-	-	-	-	-	-
Campos de Lages	7.810	15.173	1.943	7.530	8.375	1.112	-4	-45	-43
Canoinhas	8.660	12.464	1.439	7.420	15.371	2.072	-14	23	44
Chapecó	4.982	8.386	1.683	4.502	7.907	1.756	-10	-6	4
Concórdia	505	800	1.584	496	812	1.637	-2	1	3
Criciúma	2.954	3.425	1.159	3.091	2.486	804	5	-27	-31
Curitibanos	5.380	10.326	1.919	4.780	8.505	1.779	-11	-18	-7
Florianópolis	31	40	1.274	12	7	542	-61	-84	-57
Ituporanga	2.600	4.341	1.670	2.275	2.959	1.301	-13	-32	-22
Joaçaba	2.417	3.274	1.355	2.369	3.435	1.450	-2	5	7
Joinville	22	22	1.000	-	-	-	-	-	-
Rio do Sul	1.231	1.829	1.485	1.117	1.410	1.262	-9	-23	-15
São Bento do Sul	880	1.116	1.269	660	1.239	1.877	-25	11	48
São M. do Oeste	3.024	4.887	1.616	2.890	3.728	1.290	-4	-24	-20
Tabuleiro	463	812	1.754	376	451	1.200	-19	-44	-32
Tijucas	170	199	1.171	166	172	1.033	-2	-14	-12
Tubarão	2.158	2.526	1.170	1.954	1.743	892	-9	-31	-24
Xanxerê	18.563	33.435	1.801	20.389	35.334	1.733	10	6	-4
Santa Catarina	62.637	103.804	1.657	60.683	94.350	1.555	-3	-9	-6

⁽¹⁾Feijão total – soma da 1ª e 2ª safra de feijão.

Fonte: Epagri/Cepa – Junho/2020.

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Em junho, o preço médio mensal pago ao produtor em Santa Catarina foi de R\$42,29/sc de 60kg, 1,7% inferior ao de maio e 25,6% superior ao de junho de 2019 (Figura 1). O recuo dos preços no estado está menor que o esperado para a época, mesmo com a evolução da colheita da segunda safra nos estados do Centro Oeste¹. Nos estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraná os preços apresentaram valores, em média, 7,7% inferiores aos de maio, refletindo o avanço da colheita da segunda safra nestes estados. A maior oferta está pressionando mais significativamente os preços nos estados produtores.

Alguns fatores influenciaram o mercado em junho e julho:

- o dólar fortalecido, acima de 5:1, mantém as exportações competitivas;
- a demanda interna reage positivamente em relação ao início da pandemia;
- as exportações de carnes se mantêm em bons volumes;
- a disponibilidade interna do produto no segundo semestre deve ser ajustada, e
- o desenvolvimento da safra nos EUA impacta as cotações internacionais (CBOT), com os próximos 30 dias sendo críticos para definição da safra americana.

Mercado

O mercado do milho teve profundas alterações nos últimos cinco anos. Até este período, os preços eram basicamente determinados pelo mercado interno. A partir daí outros dois fatores também passaram a impactar o mercado: as exportações crescentes e a demanda para a produção de etanol. O milho deixou de ser um coadjuvante da soja, com maior liquidez e rentabilidade para o produtor. O mercado interno da produção de proteína animal terá que competir com outros mercados em crescimento que demandam o cereal.

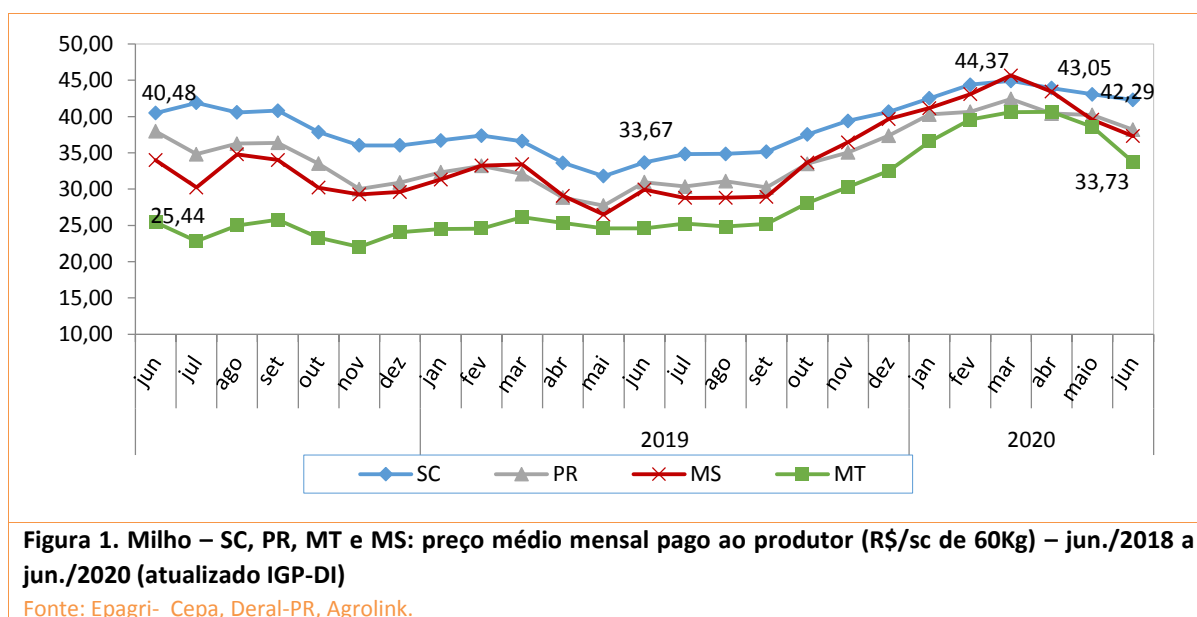


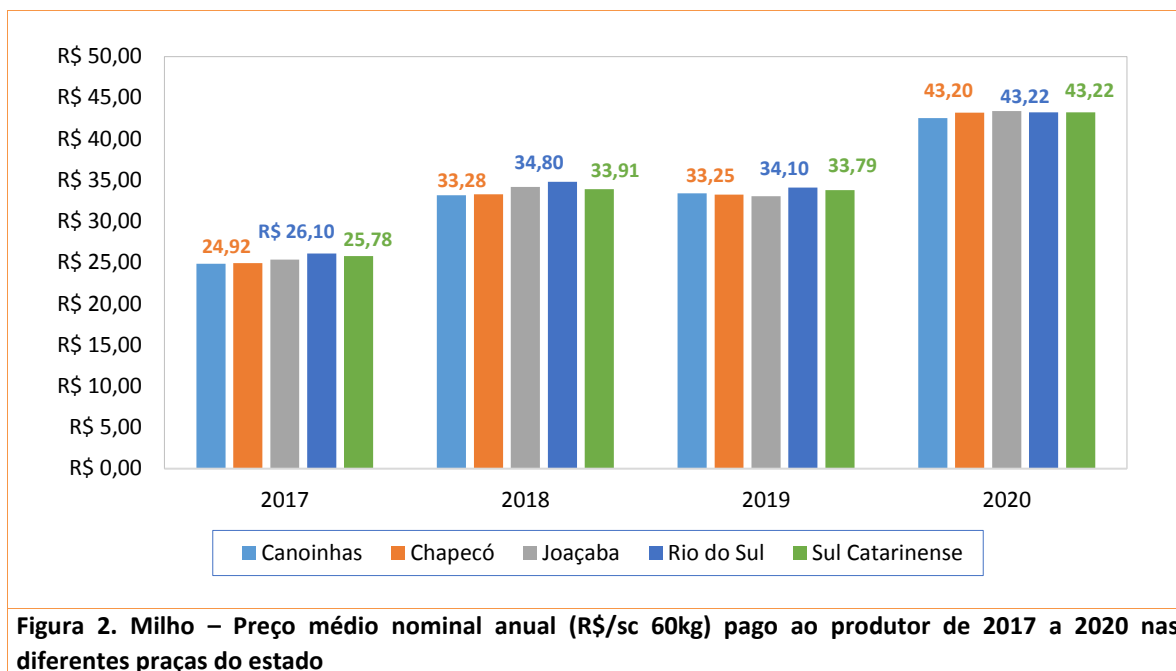
Figura 1. Milho – SC, PR, MT e MS: preço médio mensal pago ao produtor (R\$/sc de 60kg) – jun./2018 a jun./2020 (atualizado IGP-DI)

Fonte: Epagri- Cepa, Deral-PR, Agrolink.

¹ Em 15 de julho o preço diário pago ao produtor era de R\$44,00/sc (Epagri/Cepa).

Preços médios anuais ao produtor

Nos últimos quatro anos, o mercado de milho apresentou diferentes cenários. Em 2017, com uma super safra e sem um grande volume de exportações, o preço interno pago ao produtor estavam abaixo de R\$25,00 reais. Em 2018 e 2019 o mercado reagiu, com valores acima de R\$33,00/sc, já com maior influência do mercado externo e aumento da demanda interna. Em 2020, como reflexo das fortes exportações do produto em 2019 e a relação cambial desde o início do ano, os preços seguem fortalecidos em um patamar acima de R\$43,00 (Figura 2). Na variação dos preços anterior a 2020 entre as praças no estado, Chapecó apresentou preços inferiores às demais praças. Este comportamento pode ser explicado pela logística de transporte do milho e por ser a região de maior consumo do cereal no estado. As praças de Rio do Sul e Sul do estado têm as maiores cotações. Em 2020, se observa uma cotação mais uniforme. A perspectiva é de que o milho permaneça com os preços fortalecidos. A pandemia do coronavírus trouxe um alerta para os países para a necessidade de reforçar os estoques e garantir a segurança alimentar, pois os grãos representam a base da alimentação, direta ou indiretamente da.



Conjuntura e estimativa final da safra de milho 2019/20

O milho está presente em mais de 81 mil estabelecimentos agropecuários no estado, seja para fins comerciais ou consumo na propriedade (Figura 2). O produto é responsável por 4,65% do Valor Bruto da Produção da agropecuária (VBP 2019)².

Os dados finais da safra 2019/20 apontam para uma área cultivada de 334 mil hectares, redução de 3,48% frente à safra passada. A produção total alcançou 2,58 milhões de toneladas (primeira e segunda safra). Na atual safra, conforme relatado nos últimos boletins, a estiagem do início do ano ocasionou perdas de 7,06% relativos à expectativa inicial. Em relação à safra passada, apresentou uma redução de 10,78%. O rendimento na atual safra alcançou 7.726 kg/ha, enquanto na anterior (2018/19) foi de 8.356 kg/ha (Infoagro, 2020). As regiões de Curitibanos (Campos Novos) e Campos de Lages são as que apresentaram as maiores reduções na produtividade, pois foram as mais afetadas pela falta de chuvas e pelo forte calor no início do ano. No mapa (Figura 3), os municípios que tiveram maior variação (%) na produção estão

² Síntese Anual da Agricultura Catarinense, 2019: http://docweb.epagri.sc.gov.br/website_cepa/publicacoes/Sintese_2018_19.pdf

representados na coloração mais escura (vermelho/marrom), destacando as regiões com maior redução na produção. A redução na produção representou um montante de R\$138 milhões de perdas na safra.

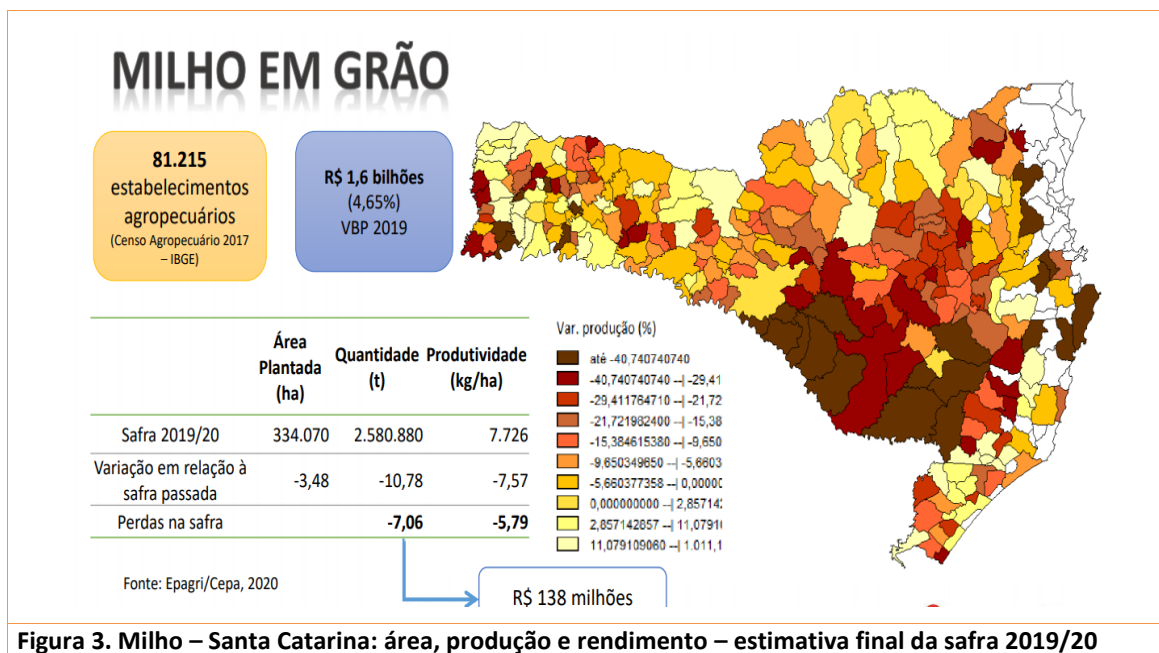
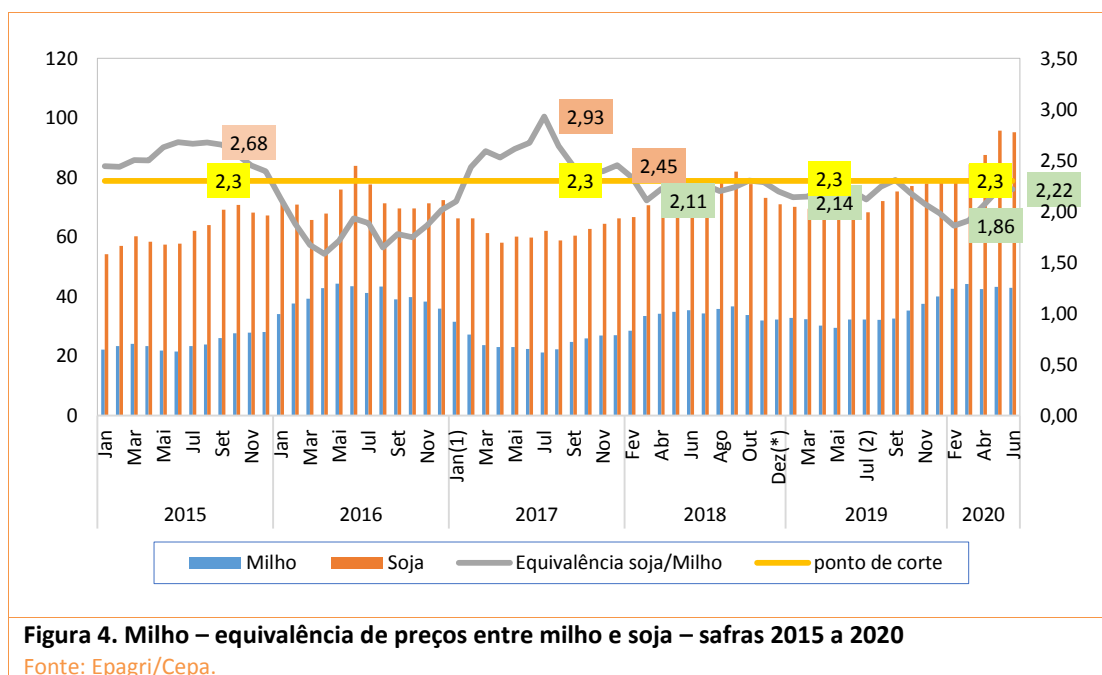


Figura 3. Milho – Santa Catarina: área, produção e rendimento – estimativa final da safra 2019/20

A análise da equivalência dos preços entre milho e soja auxilia o produtor em relação à possibilidade de ganho na tomada de decisão entre as duas commodities (Figura 4). Em Santa Catarina, considerando os custos de produção e o retorno proporcionado pelas duas culturas, quando a relação de troca soja/milho é pelo menos 2,3 o plantio da soja é favorável em relação plantio de milho; abaixo deste valor o milho ganha competitividade. Em 2015 e 2017 a relação foi favorável à soja; em 2018 e 2019, com os preços mais valorizados, o milho voltou a apresentar uma relação competitiva com a soja, uma vez que a relação do preço soja/milho esteve inferior a 2,3 na maior parte do período. Em 2020, esta relação situa-se abaixo de 2,0, sendo que em junho era de 2,22.



Produção nacional³

Milho primeira safra: produção de 25,6 milhões de toneladas, 0,3% inferior à safra passada. Colheita praticamente encerrada.

Milho segunda safra: produção recorde, estimada em 73,5 milhões de toneladas, crescimento de 0,5% sobre a produção de 2018/19. Colheita em andamento.

Milho terceira safra: plantios em maio e junho na região de Sealba (Sergipe, Alagoas, nordeste da Bahia), Pernambuco e Roraima. Área estimada em 519,8 mil hectares e produção de 1,46 milhão de toneladas.

Milho total: a estimativa nacional de plantio do milho na temporada 2019/20, considerando a primeira, segunda e terceira safras, deverá apresentar uma área de 18,4 milhões de hectares e uma produção recorde de 100,6 milhões de toneladas.

Mercado mundial – China aumenta participação no mercado internacional⁴

Os preços do milho na China estão em elevação. A recuperação contínua no uso de rações para animais, combinada com estoques mais apertados do que o esperado, e a diminuição nas reservas elevaram o preço médio nacional do milho ao nível mais alto desde março de 2018. A medida que o país reconstrói a produção de suínos após o surto de febre suína africana num ritmo mais rápido do que o previsto (no sul da China), a demanda por grãos aumenta. O uso de rações proteicas (equivalente à farinha de soja) também cresceu em relação às expectativas anteriores. Isso explica, as fortes importações de grãos para animais no período de outubro/2019 a junho/2020. Estes fatores levam a considerar que a China deverá expandir as compras de milho no mercado internacional e outros grãos para rações, para atenuar a carga das indústrias e processadores de ração no mercado doméstico. No entanto, as opções são limitadas devido à cota tarifária nas importações de milho. Mais um mercado que poderá se abrir para o Brasil, mas, será que teremos milho para toda esta demanda?

³ Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 7 - Safra 2019/20, n.10 - Décimo levantamento, julho 2020.

⁴ USDA. 11 July 2020, Global Market Analysis.

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Em Santa Catarina, os preços da soja, após registrarem pico em maio, recuaram 0,9% em junho. Frente ao mesmo mês da safra passada (junho de 2019) o valor é 31,8% superior, demonstrando uma forte elevação no ano. No semestre, a alta dos preços foi de 20%, acompanhando a relação cambial real:dólar. No Paraná e Mato Grosso, o comportamento foi diferente, com maior queda no Mato Grosso, principal exportador do país.

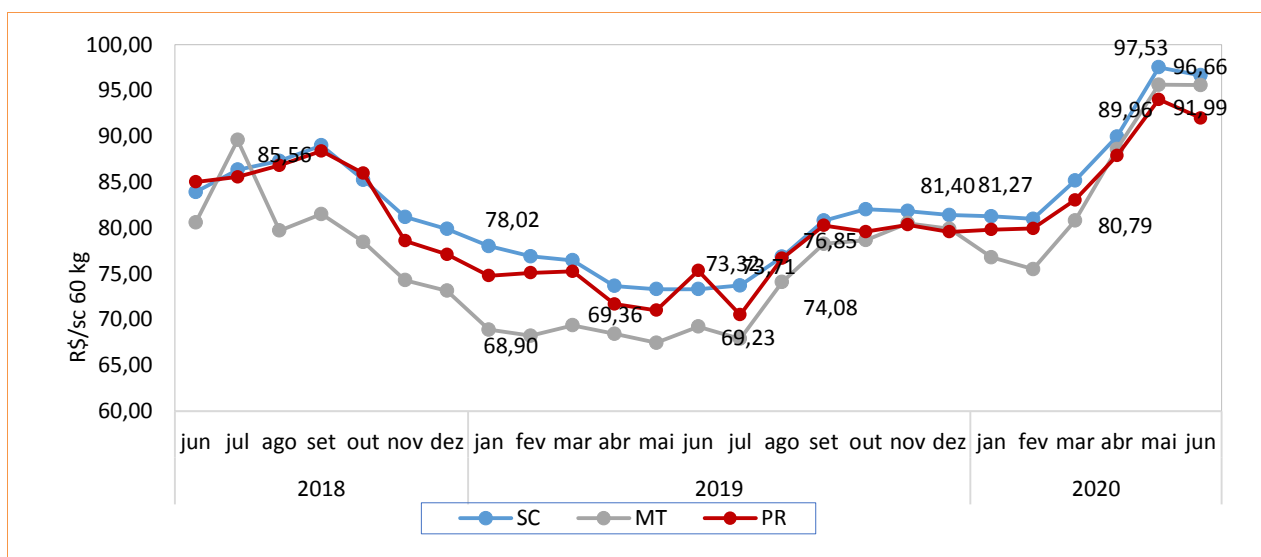


Figura 1. Soja em grão – Paraná, Mato Grosso, Rio Grande do Sul e Santa Catarina: preço médio mensal pago ao produtor – jun./2018 a jun./2020 – (corrigido IGP-DI)

Fonte: Epagri/Cepa (2020); Deral – PR e Agrolink (MT).

Fatores que influenciaram os preços no primeiro semestre de 2020:

- o dólar em elevação, acima de R\$ 5,30 em junho, continua sendo o principal fator de alta e sustentação dos preços no primeiro semestre;
- a pandemia do coronavírus, que impacta na demanda do mercado internacional, reflete nos preços das commodities. Desde março há queda nos preços no mercado Chicago (CBOT), com recuperação nas cotações em julho em função das informações de redução da produção da safra americana;
- nos meses de julho e agosto o comportamento dos preços no mercado tem forte influência do clima. Outro fator fundamental são os embarques de soja para China, com o ritmo das exportações americanas impactando nas cotações internacionais no período.

Conjuntura e acompanhamento da safra 2019/20

Em Santa Catarina, a soja é cultivada em 16.849 estabelecimentos agropecuários, com a produção gerando uma receita de 2,8 bilhões de reais, representando participação de 8,2% no Valor Bruto da Produção agropecuária estadual. A área cultivada na safra 2019/2020 no estado (última estimativa) foi de 686.100

hectares, contra 670.330ha na safra 2018/19 (Sistema Safra, Epagri/Cepa). A produção aponta para uma redução de 2,35% em relação à safra anterior, com volume de 2,35 milhões de toneladas, contra 2,51 da safra anterior. A falta de chuvas nas regiões de Curitibaanos/Campos Novos e Campos de Lages no início do ano impactaram o rendimento, ocasionando mais de 20% de redução na produtividade nestas regiões. Na média estadual, a redução na produtividade foi de 4,76% em relação à safra anterior. Os bons preços registrados desde o início do ano compensaram, em parte, a redução na produtividade.

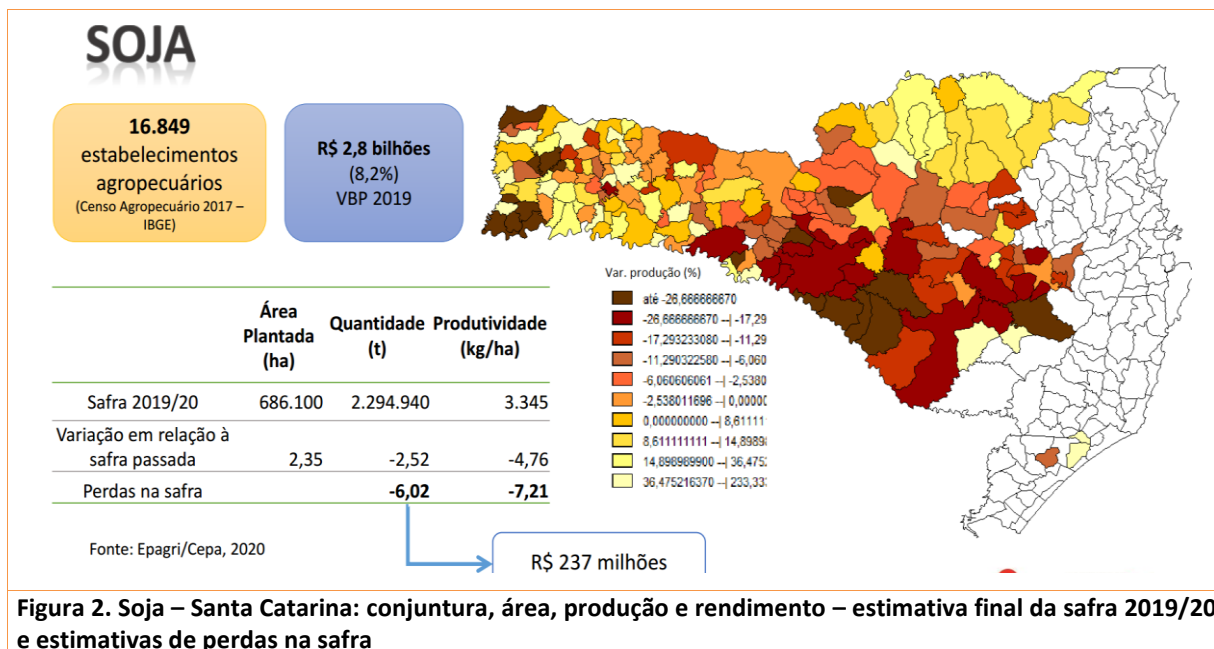


Figura 2. Soja – Santa Catarina: conjuntura, área, produção e rendimento – estimativa final da safra 2019/20 e estimativas de perdas na safra

Exportações de soja – Santa Catarina e Brasil

Os embarques do complexo soja de janeiro a junho de 2020 somaram mais de 1,45 milhões de toneladas, toneladas, volume recorde da série, segundo os registros do Ministério da Economia - MDIC⁵ (Figura 3). Cerca de 90% foram destinados para China, que apresentou uma forte demanda no primeiro semestre. A principal rota de embarques do produto é realizada via Porto de São Francisco do Sul.

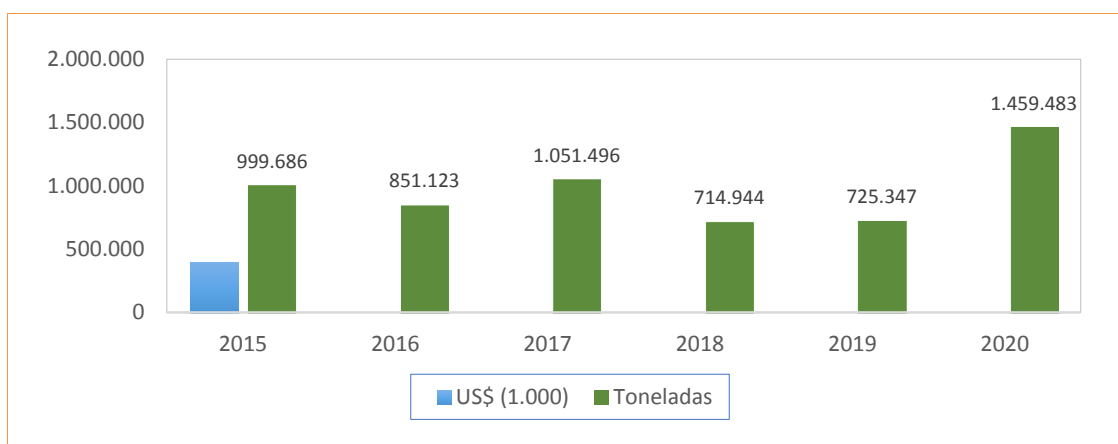


Figura 3. Soja – Exportações do complexo soja de 2015 a 2020 por Santa Catarina, em toneladas e valor FOB (US\$1.000) (2020 – jan. e maio)

Fonte: MDIC-Secex, Maio, 2020.

⁵ MDIC. <http://comexstat.mdic.gov.br>.

O volume de soja grão exportado pelo **Brasil** no semestre é recorde, atingindo 60,34 milhões de toneladas, contra 57 milhões de toneladas no mesmo período de 2019. Considerando todo o complexo soja, os volumes chegam próximos a 70 milhões de toneladas no semestre. Isto se deve às compras da China para recomposição dos estoques e o câmbio favorável. A relação da China com os EUA, bem como o risco de a pandemia gerar bloqueios nos portos ao redor do mundo, levaram a um comportamento mais agressivo da China na compra da soja, direcionada no primeiro semestre ao produto brasileiro. No total das exportações do Brasil, a soja participou, no primeiro semestre, com 20,2%, sendo a primeira na pauta das exportações no período (Figura 4). Este valor representa 79,7% de participação nas exportações do setor agropecuário de janeiro a junho de 2020.



Brasil

A produção, foi recorde, sendo estimada em 120,9 milhões de toneladas, com aumento de 5,1% em relação à safra 2018/19. A colheita foi finalizada⁶.

Produção mundial⁷

O relatório do USDA de 14 de julho (safra 2020/21) eleva em 0,2% a estimativa da produção dos EUA em relação ao relatório anterior, de 112,5 milhões de toneladas, enquanto a produção brasileira segue com estimativa de 131 milhões de toneladas (safra 2020/21). A Argentina com 53,5 milhões e a China 17,5 milhões toneladas completam os quatro principais produtores mundiais. Os prognósticos seguem sem grandes alterações. Os fatores de maior influência no momento para o mercado são: o desenvolvimento da safra americana e o volume que a China ainda irá importar de soja até fim de 2020.

⁶ Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 7 - Safra 2019/20 n.10 - Décimo levantamento, julho 2020

⁷ USDA 14 July 2020. Oilseed: Global Market Analysis.

Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

Chegamos a julho com o mercado de trigo aquecido, com compradores tendo dificuldade em encontrar produto disponível para venda. Os preços seguem firme, no mercado balcão (valor pago ao produtor), os preços da saca de 60 kg do cereal aumentaram aproximadamente 8,0% em Santa Catarina e cerca de 1,8% no Rio Grande do Sul, enquanto no Paraná e Mato Grosso do Sul recuaram 2,7% e 3,3%, respectivamente. O estado de Goiás está com uma excelente safra à campo e com cotação positiva de 12% em relação ao que foi pago no mês de maio. Em comparação há um ano atrás, em termos nominais, os preços pagos ao produtor pela saca de 60kg de trigo cresceram em todos os estados acompanhados, na comparação com um atrás. No mercado catarinense esse crescimento foi de 28%.

Tabela 1. Trigo grão – preços médios pagos ao produtor – R\$/saca de 60kg

Estado	Jun./20	Mai./20	Variação mensal (%)	Jun./19	Variação anual (%)
Santa Catarina	55,01	50,97	7,93	42,83	28,4
Paraná	58,48	60,13	-2,74	45,70	28,0
Mato Grosso do Sul	56,75	58,69	-3,31	44,00	29,0
Goiás	69,75	62,14	12,25	50,25	38,8
Rio Grande do Sul	53,69	52,76	1,76	41,01	30,9

Nota: Trigo pão PH78.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, GO e RS). Junho, 2020.

Safra nacional

O bom momento por que passa o mercado interno de trigo repercute em toda cadeia produtiva. A expectativa para a safra 2020/21 de trigo em nosso estado aponta para um crescimento de 8% na área plantada. Em nível nacional, os dados da Conab apontam para um crescimento de 13,7% na área plantada. No Paraná, maior produtor nacional, o crescimento da área plantada deverá chegar a 10,4%, enquanto no Rio Grande do Sul o crescimento estimado é de 23%. Com esse incremento na área plantada, as previsões iniciais indicavam uma produção de 5,7 milhões de toneladas, passaram neste mês para uma estimativa de produção de 6,3 milhões de toneladas, registrando um crescimento de 22,5% na produção nacional do cereal.

Em relação à safra passada, que caminha para seu final, a Conab revisou seus números do quadro de oferta e demanda. Para atender a demanda interna, o volume importado deverá passar de 7,2 para 7 milhões de toneladas, assim como o volume exportado, que passará de 400 para 350 mil toneladas. Com essas alterações, o estoque de passagem passa a ser de 100,6 mil toneladas, o mais baixo da série dos últimos anos.

Safra catarinense

O plantio da safra 2020/21 segue firme em todo estado. No campo, as lavouras vem apresentando excelente desempenho agrônômico, com o plantio chegando a 60% da área até a primeira semana de julho. Nas Microrregião Geográficas (MRG) de Canoinhas e São Bento do Sul, que responderão por 20,6% da área cultivada de trigo nesta safra, cerca de 80% da área destinada a cultura já foi semeadas. As boas

condições climáticas favorecem a evolução das operações de plantio, assim como na germinação e desenvolvimento vegetativo da cultura.

Para as MRG de Chapecó, Concórdia e Xanxerê, responsáveis por 44,4% da área estadual de trigo, o plantio também já alcança 80% da área. As lavouras se desenvolvem sem problemas, como as operações de plantio devendo encerrar até final de julho. Já na MRG de São Miguel do Oeste, que deverá representara 8,3% da área plantada nesta safra, o plantio já está encerrado. As lavouras apresentam bom desenvolvimento e, apesar do registro de geadas amplas e chuvas em bom volume, não há registro de prejuízos às lavouras. Nas MRG de Ituporanga e Rio do Sul, que representam cerca de 2% da área de trigo do estado, o plantio também está encerrado. As lavouras se recuperam bem depois da passagem do “ciclone bomba” na última semana de junho.

Nas áreas mais frias do estado o plantio está atrasado. Nas três MRG que fazem parte dessa região, deverão ser cultivados cerca de 25% da área estadual de trigo desta safra. Na MRG de Campos de Lages ainda não há registro de plantios. Já na nas MRG de Joaçaba e Curitibanos, as condições climáticas são favoráveis à germinação e desenvolvimento vegetativo, com cerca de 5% da área já plantados.

Nas últimas safras, os produtores estão postergando o plantio para o mês de julho nessas MRG. Segundo técnicos e produtores, o plantio antecipado não traz vantagens, pois, em função do clima, não é possível antecipar a ciclo da cultura. A colheita da safra de inverno se constitui num gargalo ao aumento da área plantada, uma vez que ela invariavelmente causa atraso para o plantio da soja, que é a atividade principal para os produtores da região. O plantio poderia estar mais adiantado não fosse o excesso de chuvas que vem ocorrendo na região, o que tem dificultado a evolução das operação de plantio. Mas, a previsão é de que até final de julho toda área de trigo deverá estar plantada.

Tabela 2. Trigo grão – Comparativo entre a safra 2019/20 e estimativa atual para a safra 2020/21

Microrregião	Safra 2019/20			Estimativa atual – Safra 2020/21			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Campos de Lages	924	2.158	2.336	633	1512	2.389	-31	-30	2
Canoinhas	9.500	35.419	3.728	10.700	39.822	3.722	13	12	0
Chapecó	11.584	34.323	2.963	11.944	36.185	3.030	3	5	2
Concórdia	706	1.985	2.812	781	2.187	2.800	11	10	0
Curitibanos	7.301	23.268	3.187	9.040	37.938	4.197	24	63	32
Ituporanga	840	2.078	2.473	780	1.934	2.479	-7	-7	0
Joaçaba	3.848	10.939	2.843	3.927	12.998	3.310	2	19	16
Rio do Sul	200	485	2.425	250	625	2.500	25	29	3
São Bento do Sul	500	1.710	3.420	600	2.088	3.480	20	22	2
São Miguel do Oeste	3.748	8.100	2.161	4.550	11.914	2.618	21	47	21
Xanxerê	11.650	34.309	2.945	11.570	34.685	2.998	-1	1	2
Santa Catarina	50.801	154.774	3.047	54.775	181.888	3.321	8	18	9

Fonte: Epagri/Cepa. Junho, 2020.

Importações

Para suprir a demanda interna, em junho de 2020 foram importadas 458,26 mil toneladas, sendo cerca de 80% proveniente da Argentina e cerca de 14% dos Estados Unidos. As baixos estoques de trigo no Mercosul motivaram o governo federal a liberar a importação de 450 mil toneladas de fora do Mercosul com isenção da Tarifa Externa Comum (TEC). Quanto ao volume acumulado das importações nos seis primeiros meses do ano, em 2020 está 3% superior ao mesmo período de 2019, e 6,6% superior a 2018.

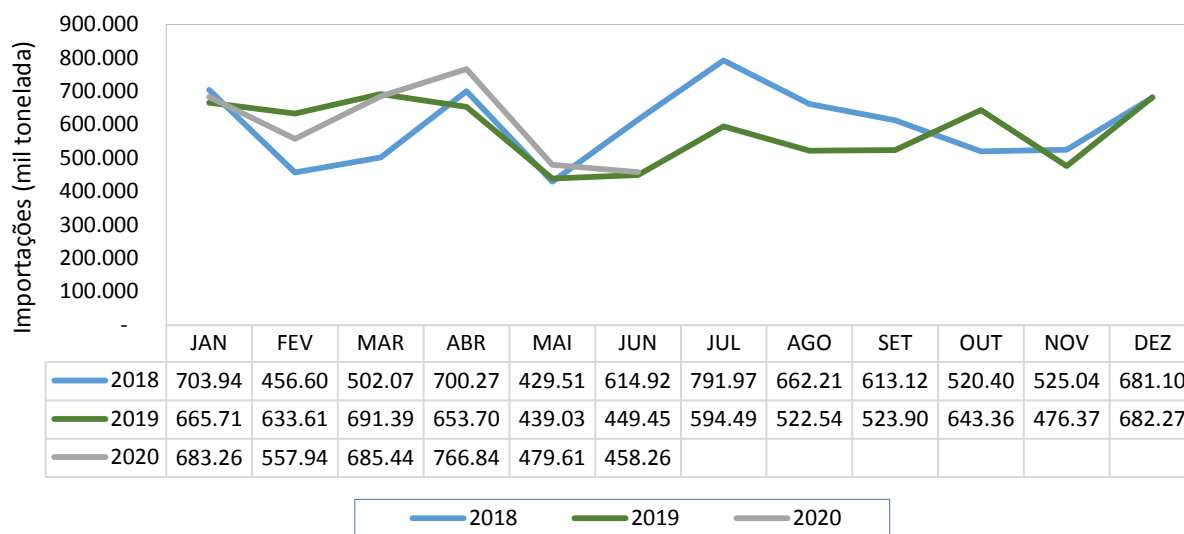


Figura 1. Trigo – Importação brasileira – 2018 a 06/2020

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandiguigel@epagri.sc.gov.br

Os bons resultados da safra de alho 2019/20 estão refletindo positivamente nas perspectivas da cadeia produtiva da cultura em Santa Catarina.

No dia 09 de julho, com a participação de autoridades e representantes do setor da produção, a Epagri/Cepa divulgou oficialmente a estimativa inicial da safra 20/21 para a cultura do alho no estado. Em Santa Catarina, segundo dados do IBGE, são 3.681 estabelecimentos na atividade, cujo valor bruto da produção (VBP) da safra 2019/20 foi de 204 milhões de reais (Epagri/Cepa).

Em relação à estimativa inicial da nova safra, levantamento de campo realizado pela Epagri/Cepa indica que deverão ser plantados 1.993ha, crescimento de 8,85% em relação à safra passada. A produção esperada é de 21.100 toneladas, crescimento de 11,69%, e produtividade de 10.587 kg/ha, aumento de 2,61%, comparado à safra 2019/20.

Preço

No mercado atacadista da Ceagesp, unidade do município de São Paulo, maior central de abastecimento do Brasil, o alho roxo nobre nacional, classe 5, foi comercializado na primeira semana de junho a R\$26,22/kg, fechando o mês com preço de R\$27,07/kg, aumento de 3,24%.

O alho classe 6, no mesmo período, passou de R\$29,92/kg para R\$28,84/kg, redução de 3,74%, e o alho classe 7 fechou junho a R\$30,84/kg, redução de 4,7% em relação ao início do mês.

Na primeira semana de julho, os preços para todas as classes do alho roxo nacional tiveram uma redução média de 9%, reflexo da maior oferta proveniente da produção do Cerrado.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, o alho nobre nacional, classes 4 e 5, que foi comercializado em maio a R\$21,00/kg, fechando o mês de junho a R\$23,50/kg, aumento de 11,90%.

O alho classes 6 e 7, que finalizou o mês de maio a R\$23,00/kg, no final de junho foi a R\$24,50/kg, aumento de 6,52%.

De acordo com o levantamento mensal dos preços pagos ao produtor realizado pela Epagri/Cepa, em junho o alho classe 2-3 foi comercializado a R\$ 14,00/kg, o alho classe 4-5 a R\$ 17,00/kg e pelo alho 6-7 o produtor catarinense recebeu R\$ 19,00/kg, mantendo os patamares entre R\$11,00/kg e R\$12,00/kg acima da classe.

Produção

A safra 2020/21 já está sendo implantada nas principais regiões produtoras de Santa Catarina, com as condições das lavouras em desenvolvimento sendo consideradas boas em termos fitossanitários e tecnológicos. As preocupações com as condições climáticas, como falta de chuvas e disponibilidade de água

para irrigação, que se apresentavam até o mês de maio, estão superadas até o momento, permitindo aos produtores implantar as lavouras com tranquilidade.

Comércio exterior

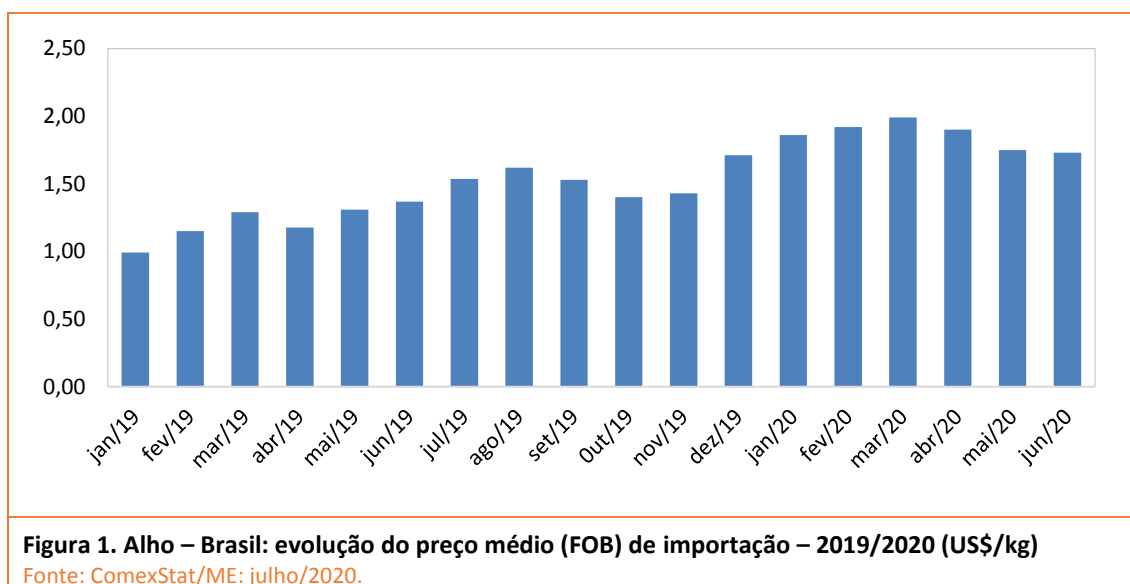
Em junho, a China se manteve como a maior fornecedora de alho para o Brasil, seguida pela Argentina, que liderava de novembro de 2019 a abril deste ano.

No primeiro semestre deste ano o Brasil importou 102,04 mil toneladas do produto, enquanto no mesmo período do ano passado o volume importado foi de 91,84 mil toneladas, portanto um crescimento 11,10% no período (Tabela 1).

Tabela 1. Alho – Brasil: importações de jan. 2017 a abr. 2020 (mil t)													
Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	15,71	164,48
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	12,58	15,05	11,21	7,78	11,16	9,20	19,19	165,45
2020	20,43	15,07	16,36	14,57	16,69	18,92	-	-	-	-	-	-	102,04

Fonte: Comexstat/ME: julho/2020.

O preço médio (FOB) do alho importado em junho teve nova redução, ficando em US\$ 1,73/kg, redução de 1,15% em relação ao mês de maio. Comparativamente ao mês de março, a redução dos preços foi de 15,02% (Figura 1).



Na Figura 2 é apresentada a evolução da quantidade de alho internalizada pelo Brasil e o desembolso mensal de janeiro a dezembro de 2019 e janeiro a junho de 2020.

Em janeiro deste ano foram importadas 20,43 mil toneladas de alho, o maior volume no período considerado. Os preços relativamente altos no mercado brasileiro favoreceram a entrada de produto

estrangeiro, como pode ser observado nos primeiros seis meses deste ano. No mês de junho o volume total importado foi de 18,93 mil toneladas, enquanto que em junho de 2019 a importação foi de 16,69 mil toneladas, ou seja, crescimento de 13,42%. Em relação ao desembolso, no mês de junho o total foi de US\$32,79 milhões (FOB) (Figura 2).

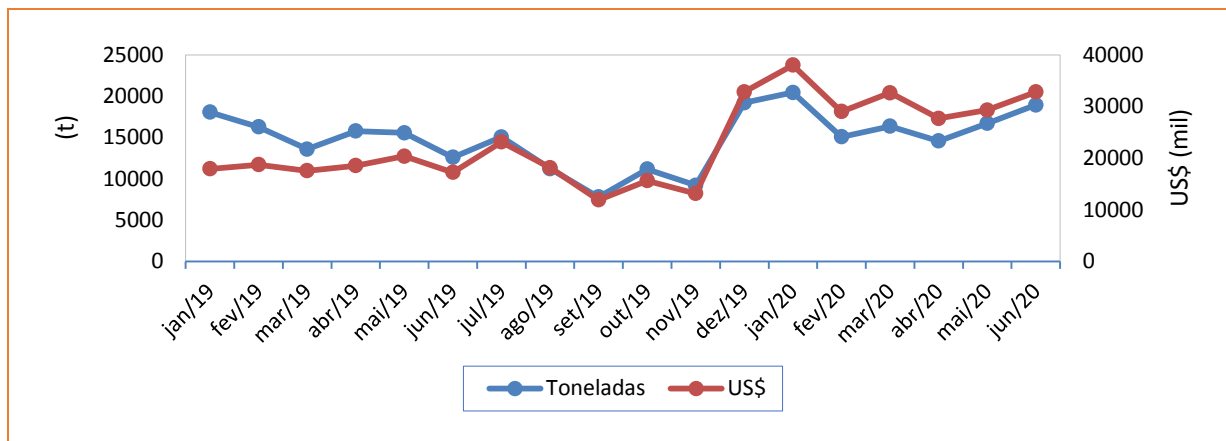


Figura 2. Alho: Brasil – volume e valores da importação mês a mês: 2019 a jun./2020

Fonte: ComexStat/ME: julho/2020.

Em junho, os principais fornecedores de alho para o Brasil foram a China, com 7,47 mil toneladas, representando 39,48% do total importado, a Argentina, que forneceu 6,44 mil toneladas, ou 34,03%, enquanto a Espanha vendeu 3,86 mil toneladas, 20,40%, e os demais fornecedores contribuíram com 1,15 mil toneladas, equivalente a 6,09% do volume (Figura 3).

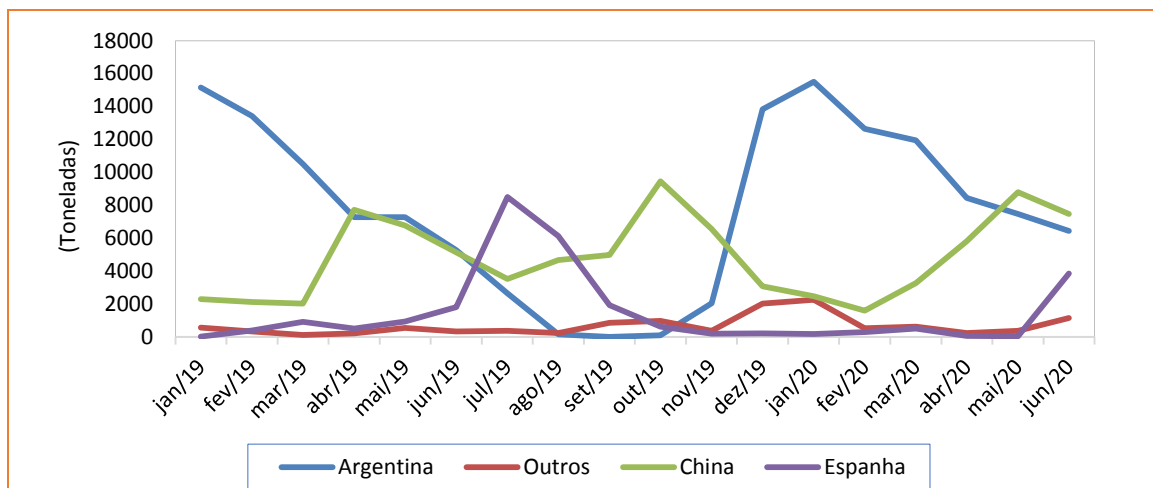


Figura 3. Alho – Brasil: participação dos principais países fornecedores (kg) – 2019 a jun./2020

Fonte: Comexstat/ME: julho/2020.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

A safra de cebola 2019/20 em Santa Catarina, encerrada em maio, pode ser considerada normal, apesar dos problemas da falta de chuva que ocorreu durante o desenvolvimento da cultura, bem como um início de comercialização com preços abaixo do custo de produção para muitos produtores.

Em relação à safra 2020/21, no dia 09 de julho a Epagri/Cepa divulgou oficialmente a estimativa inicial para Santa Catarina. Segundo o IBGE, a cultura é produzida em 3.308 estabelecimentos agropecuários, basicamente pequenas unidades de agricultores familiares, cujo Valor Bruto da Produção (VBP) em 2019 foi de R\$ 617 milhões.

Levantamento a campo realizado pela Epagri/Cepa indica que serão plantados nesta safra 16.837ha, redução de 7,4% em relação à safra passada. A produção esperada é de 485.755 toneladas, redução de 8,71%, com produtividade média de 28.850kg/ha, também apresentando pequena redução de 1,42%.

O fechamento da safra se deu com os preços em alta, em função da baixa oferta da hortaliça no mercado, provocada pelo final da safra catarinense, pelas restrições à importação do produto argentino e redução da produção no Nordeste.

Preços e mercado

Neste período, o mercado está sendo abastecido pela cebola oriunda das regiões produtoras de São Paulo, Minas Gerais e Goiás e pelas importações, principalmente da Argentina, Chile e Países Baixos. De forma geral, o mercado se mantém aquecido desde os meses de março/abril, levando produtores do centro do país a retirarem a produção das lavouras e realizarem a comercialização mesmo sem um processo de cura adequado, o que pode levar a algumas perdas pós-colheita e queda na qualidade do produto.

Na Ceagesp/SP, no mês de junho a cebola média nacional foi comercializada com preço acima de R\$3,43/kg, com o maior valor chegando a R\$4,03/kg no dia 19/06. O aumento na oferta com o produto oriundo do Cerrado e São Paulo, provocou pequena redução de preços no atacado, fechando o mês de maio a R\$3,51/kg.

Situação semelhante ocorreu com a cebola média importada da Argentina, que havia fechado o mês de maio a R\$4,28/kg, em junho teve redução de preços, fechando o mês a R\$3,63/kg.

No atacado da Ceasa/SC (Unidade de São José, SC), em junho os preços também tiveram redução. No início da segunda quinzena do mês a cebola nacional foi comercializada a R\$4,25/kg, porém fechando o mês a R\$3,50/kg.

Safra catarinense

A safra 2020/21 de cebola em Santa Catarina está sendo implantada. Nas regiões do Alto Vale do Itajaí, Tabuleiro e Tijucas a área plantada alcança aproximadamente 30%, segundo levantamento a campo da Epagri/Cepa.

O desenvolvimento vegetativo e as condições fitossanitária das lavouras são consideradas boas. O período de implantação da cultura vai até agosto, com as regiões do Planalto Norte e Sul sendo as últimas a encerrarem esta etapa.

A ocorrência de chuvas nos meses de junho e julho trouxe maior tranquilidade aos produtores em termos das perspectivas da cultura para esta safra. Os mananciais e reservatórios de água estão em níveis razoáveis em praticamente todas as regiões, podendo ser utilizados caso ocorra necessidade de irrigação.

Por outro lado, a crise sanitária da Covid19 permanece como importante desafio aos produtores, pois interfere na dinâmica de implantação da nova safra, especialmente na participação das pessoas das famílias produtoras na implantação das lavouras, bem como na contratação de mão de obra de terceiros, visto que as atividades iniciais de plantio requerem uso intenso de mão de obra, com as pessoas trabalhando próximas umas das outras.

Importação

Em junho, foram importadas 48,34 mil toneladas de cebola, provenientes principalmente da Argentina, Holanda e Chile (Figura 1), com valor total desembolsado de US\$9,63 milhões (FOB). A redução no volume importado foi de 53,74% em relação ao mês passado. O preço médio foi de US\$0,20/kg (FOB), redução de 10% em relação ao mês de maio.

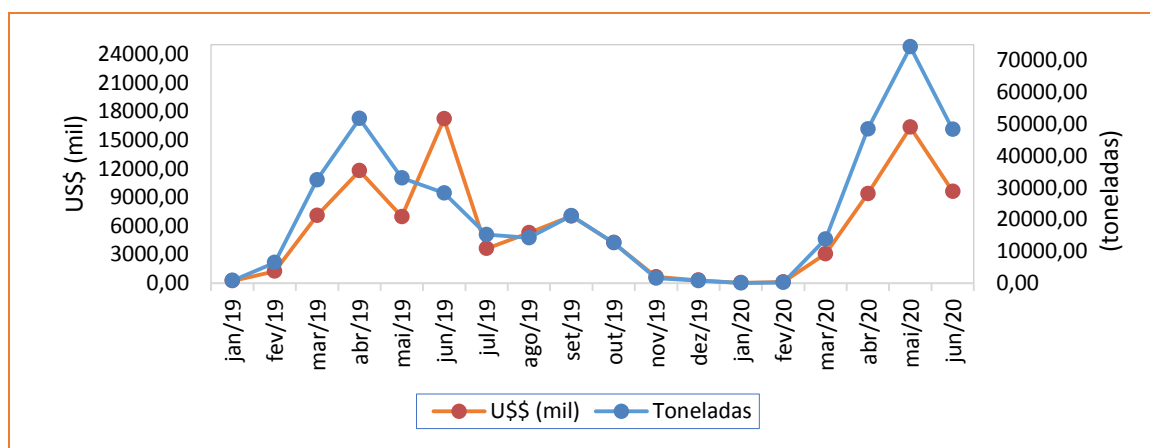


Figura 1. Cebola – Brasil: importação mês a mês – jan./2019 a jun./2020

Fonte: Comexstat/ME – jul./2020.

O principal fornecedor de cebola para o Brasil em junho foi a Argentina, com 40,87 mil toneladas, ou 84,53% do total, seguida pela Holanda, com 4,15 mil toneladas, significando 8,56%, e o Chile com 2,89 mil toneladas, ou 5,98%, e outros, com 0,93% (Figura 2).

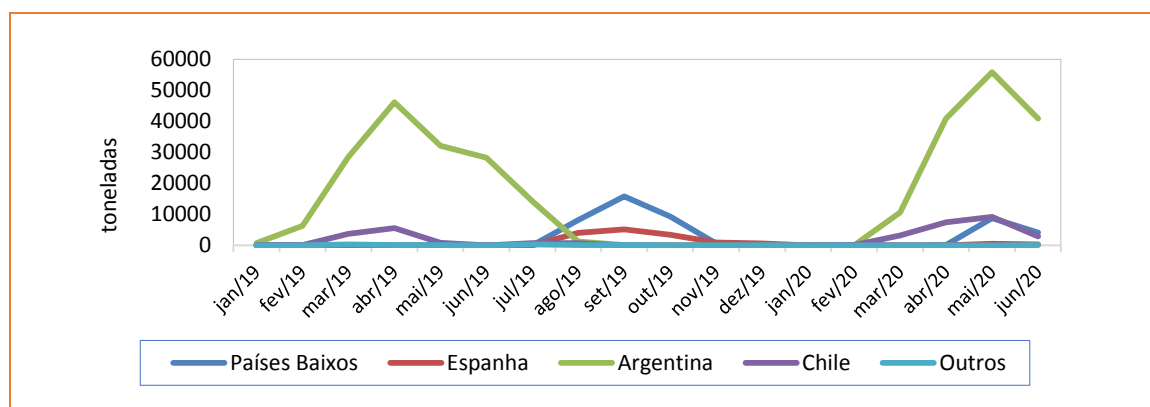


Figura 2. Cebola – Brasil: volume importado segundo os principais países fornecedores – jan./2019 a maio/2020

Fonte: Comexstat/ME – julho/2020.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas primeiras semanas de julho, predominaram os movimentos de alta nos preços do frango vivo em alguns dos principais estados produtores. Em relação a junho, observa-se elevação de 3,2% no Paraná e 0,9% em Santa Catarina. São Paulo, por sua vez, apresenta queda de 0,9% na média mensal preliminar, mas com tendência de alta nos preços diários.

Na comparação entre os preços atuais e aqueles praticados em julho de 2019, verificam-se variações positivas em todos os casos, embora com índices bastante distintos: 15,2% no Paraná, 13,7% em Santa Catarina e 1,8% em São Paulo⁸. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 2,1%, de acordo com o IPCA/IBGE.

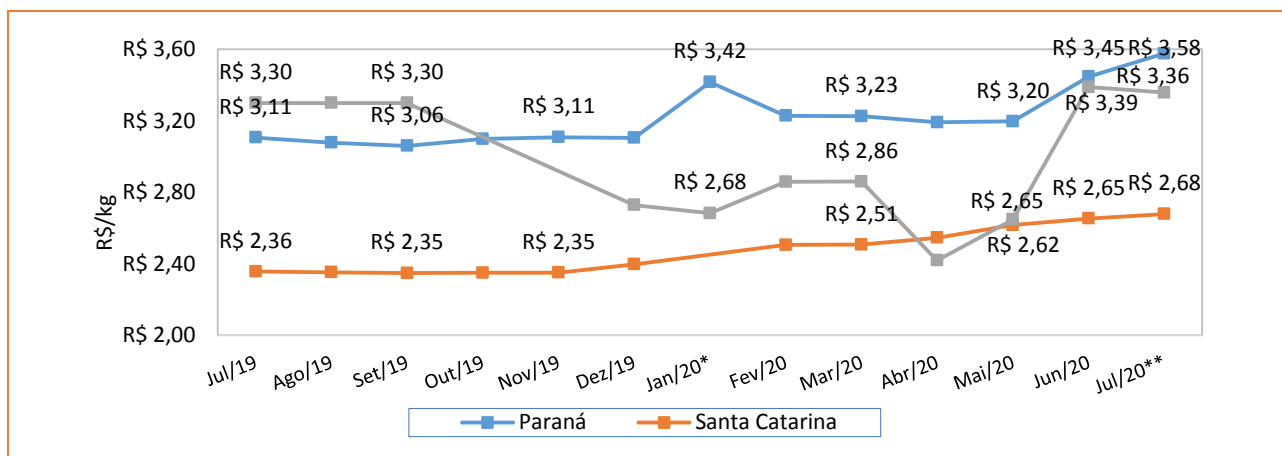


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina, Paraná e São Paulo: preço médio nominal mensal aos avicultores (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

* Preço de janeiro/2020 de Santa Catarina não disponível.

** Os valores de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/jul./2020.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); SEAB (PR); IEA (SP).

Em duas praças de levantamento de preços em Santa Catarina, Joaçaba e Sul Catarinense, a média das primeiras semanas de julho não apresentou alteração em relação a junho. Já em Chapecó, os preços registraram alta de 2,7%. Na comparação com os preços praticados em julho de 2019, as variações são positivas em todas as praças: 21,3% em Chapecó, 11,2% no Sul Catarinense e 8,5% em Joaçaba.

⁸ Em fins de 2019, o Instituto de Economia Agrícola de São Paulo alterou sua metodologia de coleta de dados, o que prejudica a comparação entre os dois períodos naquele estado.

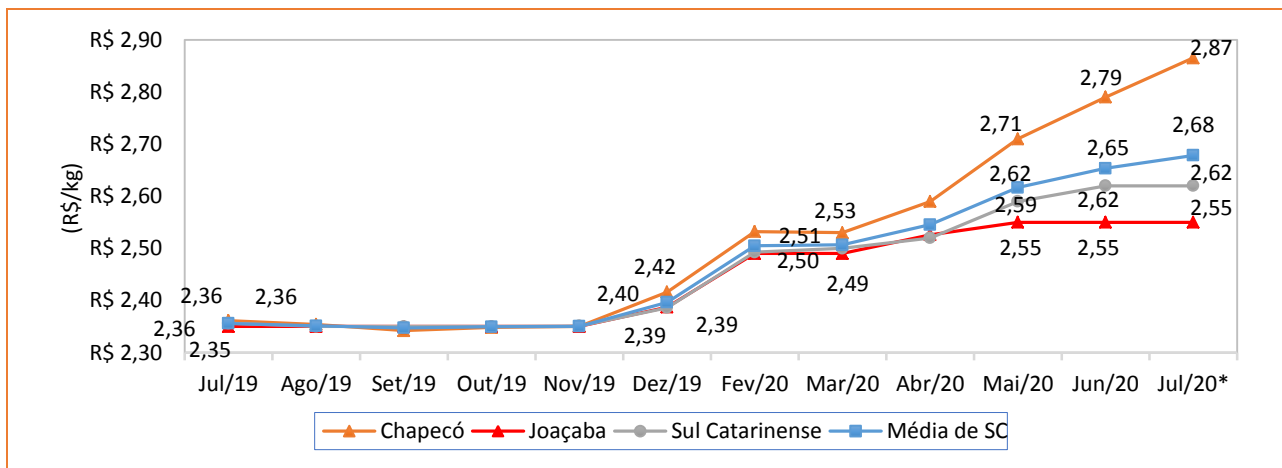


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ pago ao produtor nas principais praças do estado (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/jul./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Depois de três meses consecutivos de quedas, nas primeiras semanas de julho os preços da carne de frango no atacado catarinense registraram uma pequena variação positiva de 0,3% em relação a junho, levando-se em consideração a média dos quatro cortes acompanhados pela Epagri/Cepa. Contudo, quando analisados individualmente, os quatro cortes apresentaram comportamentos bastante distintos: coxa/sobrecoxa congelada (+3,5%), filé de peito congelado (0,0%), frango inteiro congelado (-0,7%) e peito com osso congelado (-1,7%).

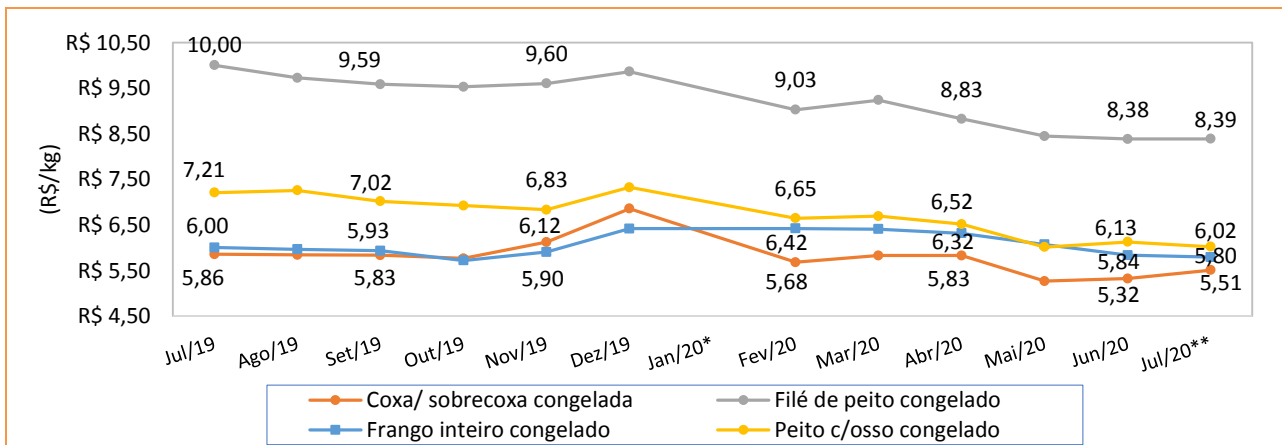


Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Preços do mês de janeiro/2020 não disponíveis.

** Os valores de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/jul./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Na comparação entre os valores preliminares de julho e o mesmo mês de 2019, observam-se variações negativas em todos os cortes: peito com osso (-16,5%), filé de peito (-16,1%), coxa/sobrecoxa (-5,9%) e frango inteiro (-3,5%). Na média dos quatro cortes, a variação foi de -10,5%.

Com a gradual reabertura de bares e restaurantes nas principais capitais do país, como São Paulo e Rio de Janeiro, o setor de proteína animal espera aumento na demanda interna por carnes, o que deve contribuir para movimentos de alta mais significativos nos próximos meses.

Segundo nota divulgada pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq/USP), as vendas internas de carne de frango se aqueceram em junho. Além da reabertura de estabelecimentos comerciais, a nota do Cepea destaca que o menor poder de compra da população brasileira diante da crise gerada pela pandemia de Covid-19 pode estar levando os consumidores a migrarem para proteínas mais baratas, como o frango, em detrimento das carnes bovina e suína.

Custos

Em junho, o Índice de Custos de Produção de Frangos (ICPFrango), calculado pela Embrapa Suínos e Aves, apresentou queda de 0,7% em relação ao mês anterior. Considerando-se os últimos 12 meses, o índice acumula alta de 18,3%, decorrente, principalmente, da elevação dos custos com nutrição (15,9%), seguida pela dos pintos de 1 dia (1,7%).

Após três meses seguidos de queda, os dados preliminares de julho demonstram uma pequena alta na relação de equivalência insumo-produto⁹. Na data de finalização do presente artigo (17/jul.), registrava-se variação de 1,7%, resultante da elevação de 4,5% no preço do milho no atacado, parcialmente compensada pela alta de 2,7% na cotação do frango vivo, ambos na praça de Chapecó. O valor atual da relação de equivalência está 6,4% acima daquele registrado em julho de 2019.

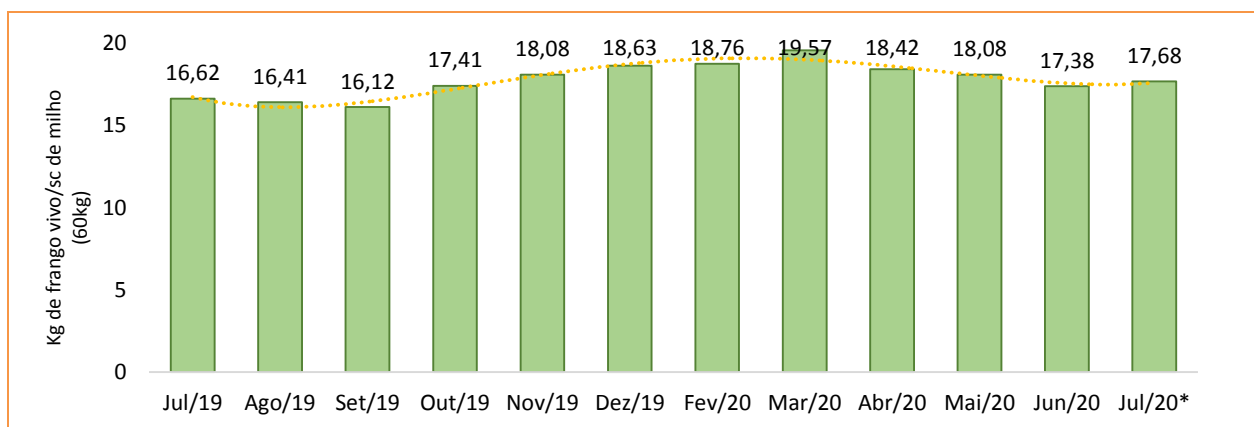


Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60kg) de milho

Para cálculo da relação de equivalência insumo-produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro/2020.

* O valor de julho é preliminar, relativo ao período de 1 a 17/jul./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em junho, o Brasil exportou **333,48 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada), volume **14,1% inferior** ao mês anterior e **13,6% menor** que em junho de 2019.

As receitas, por sua vez, foram de **US\$ 438,23 milhões**, queda de **18,2%** em relação ao mês anterior e - **32,1%** na comparação com junho de 2019.

⁹ A relação de equivalência insumo-produto indica quantos quilos de frango vivo são necessários para comprar uma saca de 60kg de milho.

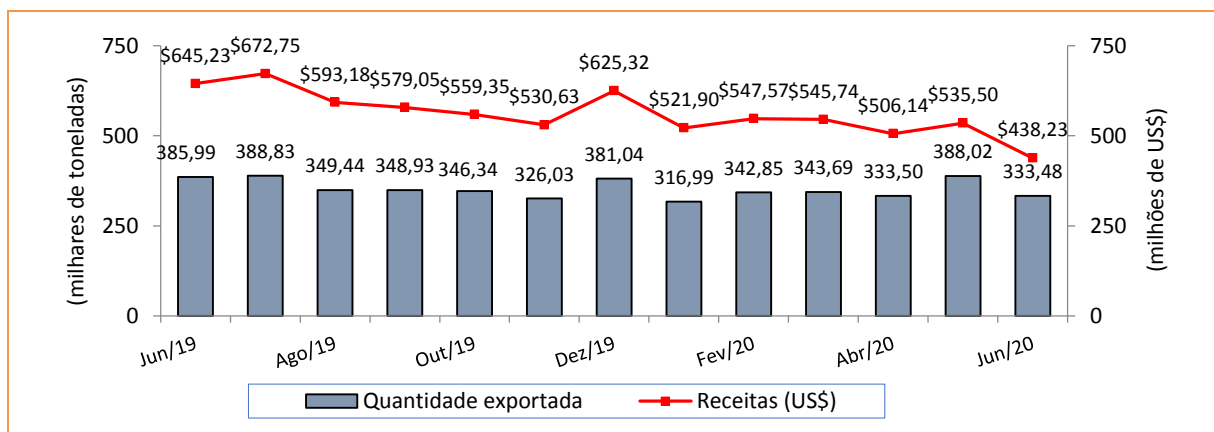


Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

No primeiro semestre de 2020, o Brasil exportou **2,06 milhões de toneladas** de carne de frango, com **US\$ 3,10 bilhões** em receitas. Na comparação com o mesmo período de 2019, registra-se alta de **1,2%** na quantidade, mas **queda de 9,3%** nas receitas.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango neste ano são China, Japão, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Hong Kong, responsáveis por 54,9% das receitas do período.

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia (Secex/ME), nas primeiras semanas de junho (8 dias úteis), a média diária de embarques de carne de frango *in natura* apresentou queda de 18,6% em relação ao mesmo mês de 2019, considerando-se as receitas. Contudo, em termos de quantidade se observou aumento de 5,1% no mesmo período.

Apesar da pandemia de Covid-19 e da crise econômica que deve afetar grande parte dos países, a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) divulgou nota em que aponta a expectativa de crescimento de 5% nas exportações brasileiras de carne de frango este ano, em grande parte, impulsionadas pela expansão dos embarques para o leste e sudeste asiático, principalmente a China.

A ampliação das exportações é um dos principais fatores que explicam a projeção de crescimento de 3% a 4% na produção nacional de carne de frango, conforme a ABPA, já que o mercado interno se mostra pouco favorável no momento. Contudo, em relatório divulgado recentemente, o Rabobank aponta expectativa de aumento na demanda interna ao longo do segundo semestre, o que deve impactar na produção do 3º trimestre.

Santa Catarina exportou **71,75 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada) em junho, - **25,7%** em relação ao mês anterior e **-30,0%** na comparação com junho de 2019.

As receitas, por sua vez, atingiram o montante de **US\$ 98,45 milhões**, queda de **32,2%** em relação ao mês anterior e de **45,0%** na comparação com junho de 2019.

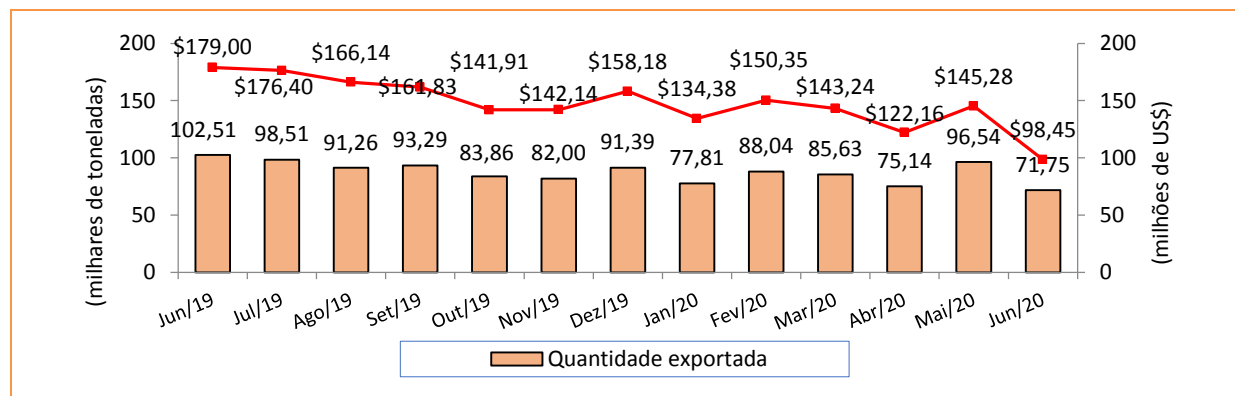


Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada em junho por Santa Catarina foi de **US\$ 1.322,65/tonelada, 21,9% abaixo** da média registrada no mesmo mês de 2019 e **queda de 7,6%** em relação a maio deste ano.

No primeiro semestre deste ano, Santa Catarina exportou **494,91 mil toneladas** de carne de frango, com faturamento de **US\$ 793,86 milhões, queda de 32,2%** em quantidade e **37,1%** em valor na comparação com o mesmo período de 2019. O estado foi responsável por **25,6%** das receitas geradas pelas exportações brasileiras de carne de frango no primeiro semestre.

A Tabela 1 apresenta os principais destinos da carne de frango catarinense neste ano, os quais responderam por 56,9% do valor e 51,9% da quantidade exportada pelo estado no período.

Tabela 1. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 1º semestre/2020

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	137.103.521,00	79.628
China	120.947.837,00	64.396
Países Baixos (Holanda)	72.078.735,00	35.078
Emirados Árabes Unidos	61.382.881,00	37.371
Arábia Saudita	60.503.582,00	40.562
Demais países	341.844.004,00	237.872
Total	793.860.560,00	494.907

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos, somente o Egito apresentou variação positiva em relação ao mesmo período do ano passado: 22,2% em valor e 16,2% em quantidade. Dentre os demais, quedas expressivas foram observadas nos embarques para Japão (-29,9% em valor e -22,4% em quantidade), Países Baixos (-27,3% e -14,4%), Emirados Árabes Unidos (-49,3% e -45,1%) e Arábia Saudita (-46,4% e -40,4%).

Coronavírus

Desde meados de junho, a China, principal destino das proteínas de origem animal do Brasil, vem intensificando o controle sanitário sobre a importação de carnes, em meio à segunda onda de contaminação do novo coronavírus no continente asiático. Nas últimas semanas, a Administração Geral de Alfândegas chinesa (GACC) suspendeu a importação de carnes de unidades localizadas em diversos países.

No início de julho, a GACC suspendeu o credenciamento de sete frigoríficos brasileiros, sendo dois de suínos, dois de aves e três de bovinos. Desses, cinco estão localizados no Rio Grande do Sul e dois no Mato Grosso.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Em março, abril e maio, na maioria dos principais estados produtores de bovinos, predominaram as variações negativas nos preços do boi gordo, movimento ocasionado pela queda no consumo de carne bovina, decorrente das medidas de contenção da propagação do coronavírus e dos impactos da COVID-19. Em junho, contudo, voltou a se registrar variações positivas em praticamente todos os estados, movimento resultante de três fatores principais: crescimento significativo das exportações; baixa oferta de bovinos prontos para abate, devido à entressafra; gradual reabertura de setores da economia em diversos estados, com destaque para São Paulo, principal centro consumidor do país.

Nas primeiras semanas de julho observaram-se, mais uma vez, variações positivas em todos os oito estados analisados (na comparação com o mês anterior): 10,2% em Minas Gerais, 7,7% em Mato Grosso do Sul, 7,5% no Paraná, 6,6% em Goiás, 6,6% em São Paulo, 6,5% em Mato Grosso, 4,5% no Rio Grande do Sul e 4,3% em Santa Catarina.

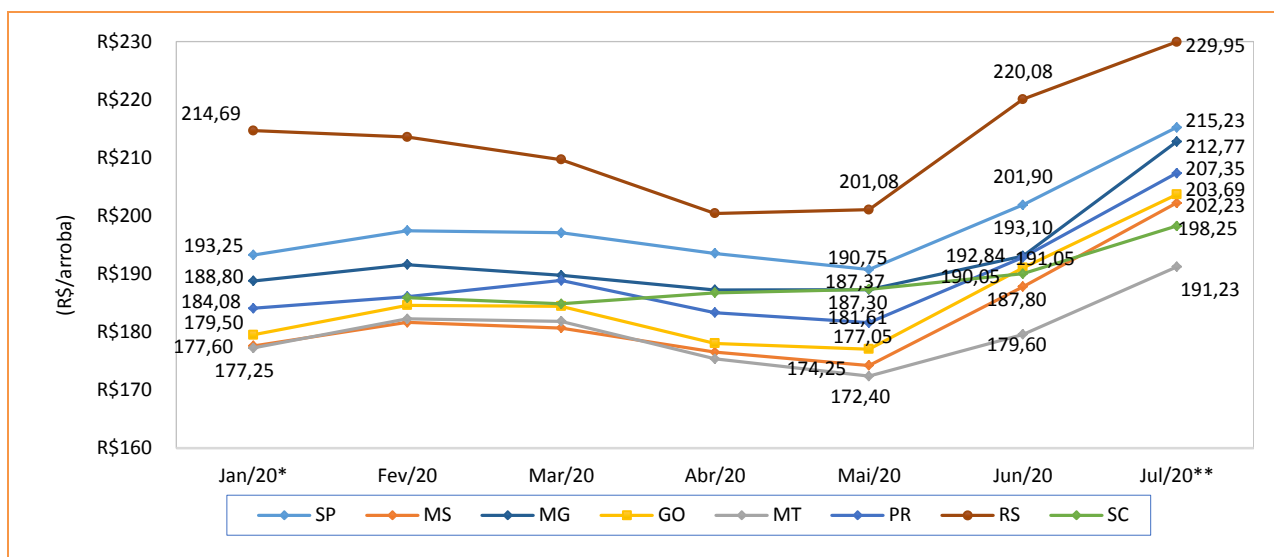


Figura 1. Boi gordo – SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾, MS⁽²⁾, PR⁽³⁾ e RS⁽⁴⁾: evolução dos preços da arroba (R\$/arroba)

* Preço de janeiro/2020 não disponível para o estado de Santa Catarina.

** Os valores de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/jul./2020.

Fontes: ⁽¹⁾Epagri/Cepa; ⁽²⁾Cepea; ⁽³⁾SEAB; ⁽⁴⁾Nespro.

Os valores atuais estão significativamente acima daqueles registrados em julho de 2019 em todos os estados: 45,6% em Goiás, 44,9% no Mato Grosso do Sul, 43,5% em Minas Gerais, 40,3% em São Paulo, 38,2% no Paraná, 36,7% no Mato Grosso, 30,8% no Rio Grande do Sul e 26,8% em Santa Catarina. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de **2,1%**, segundo o IPCA/IBGE.

Em Santa Catarina, as praças de referência para o preço do boi gordo, Chapecó e Lages, também apresentaram movimentos de alta nas primeiras semanas deste mês, quando comparadas a junho: 0,1% e 2,1%, respectivamente. Quando se compara a média preliminar de julho com o mesmo mês de 2019, as variações são expressivas nas duas praças: 23,0% em Chapecó e 18,2% em Lages.

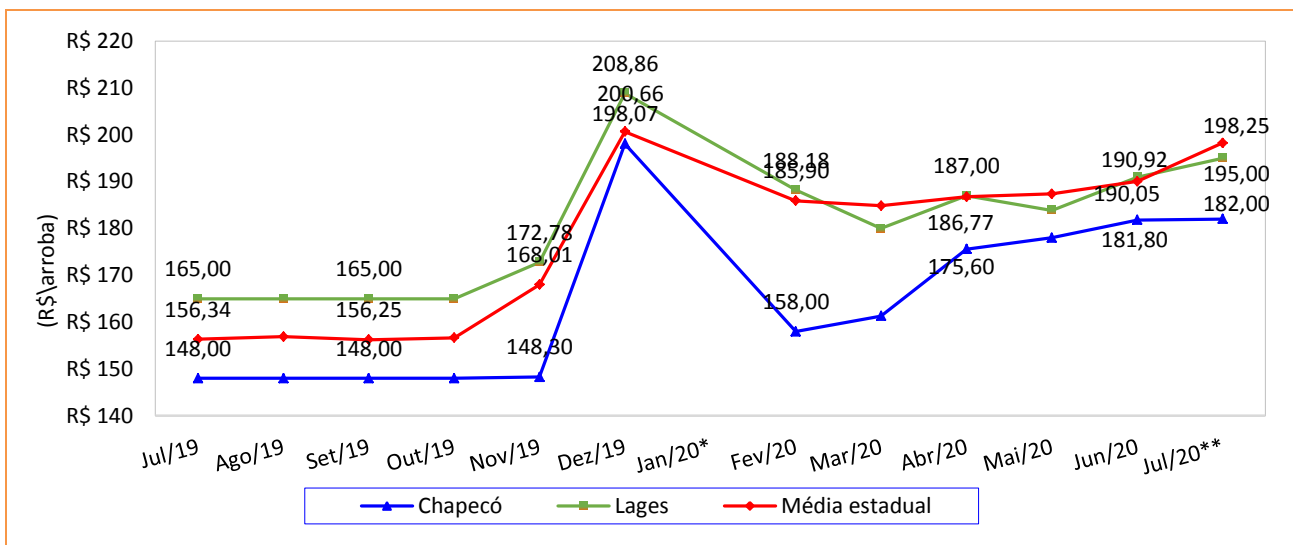


Figura 2. Boi gordo – Santa Catarina: evolução do preço médio mensal nas praças de referência e média estadual (R\$/arroba)

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/jul./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Depois de um período de relativa estabilidade no primeiro semestre, nas primeiras semanas de julho os preços de atacado da carne bovina apresentaram variações expressivas em Santa Catarina: 5,5% na carne bovina de dianteiro e 2,7% na carne bovina de traseiro. Na média, a variação foi de 4,1%.

Quando se comparam os valores atuais com aqueles praticados em julho de 2019, registram-se altas significativas em ambos os casos: 50,1% na carne de dianteiro e 26,7% na carne de traseiro.

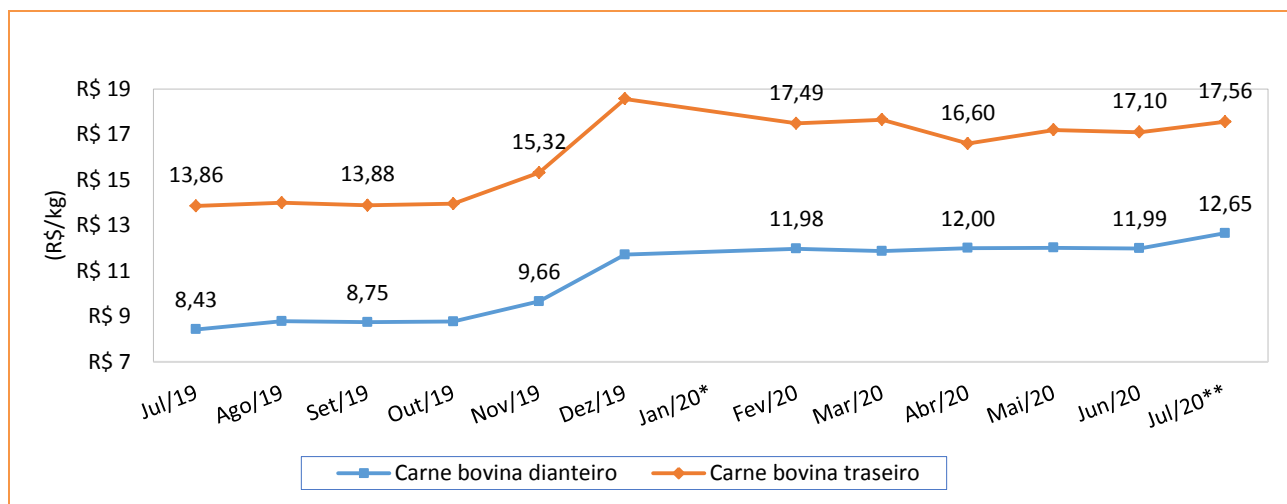


Figura 3. Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/jul./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Custos

Os preços dos animais de reposição para corte em Santa Catarina voltaram a apresentar os movimentos de alta predominantes desde meados de 2019. Os valores das primeiras semanas de julho indicam elevação de 2,2% no preço dos bezerros de até 1 ano em relação ao mês anterior, enquanto os novilhos de 1 a 2 anos registraram alta de 3,5%. Na comparação com julho de 2019, as variações são significativas em ambos os casos: 27,9% para os bezerros e 24,0% para os novilhos.

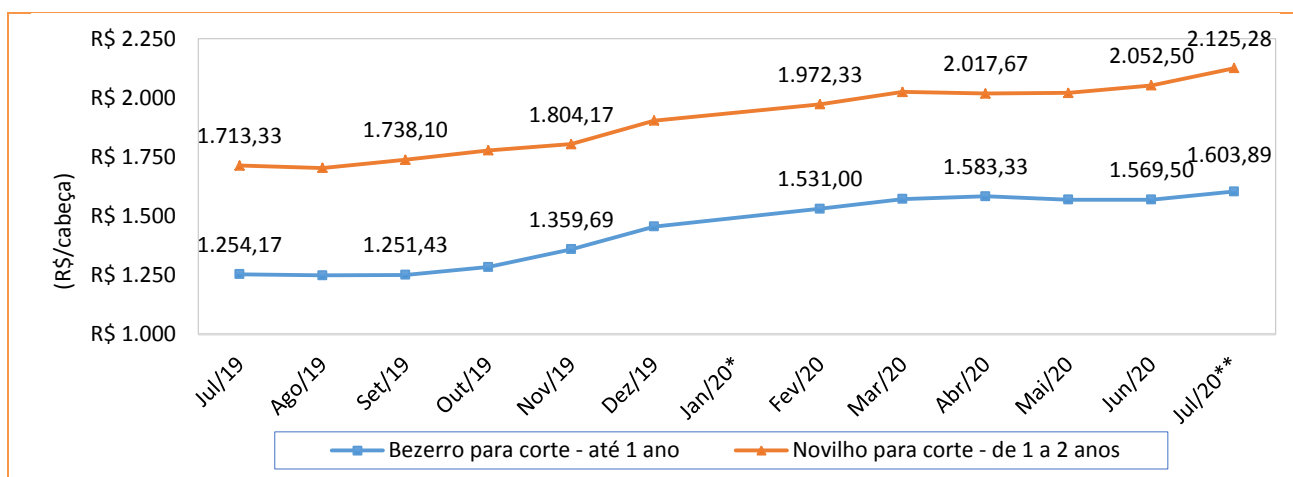


Figura 4. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R\$/cabeça)

* Preços não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/jul./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em junho, o Brasil exportou **176,61 mil toneladas** de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), **queda de 3,3%** em relação ao mês anterior, mas alta de **28,2%** na comparação com junho de 2019. As receitas, por sua vez, foram de **US\$ 742,56 milhões**, **-4,7%** em relação ao mês anterior e aumento de **40,7%** na comparação com junho de 2019.

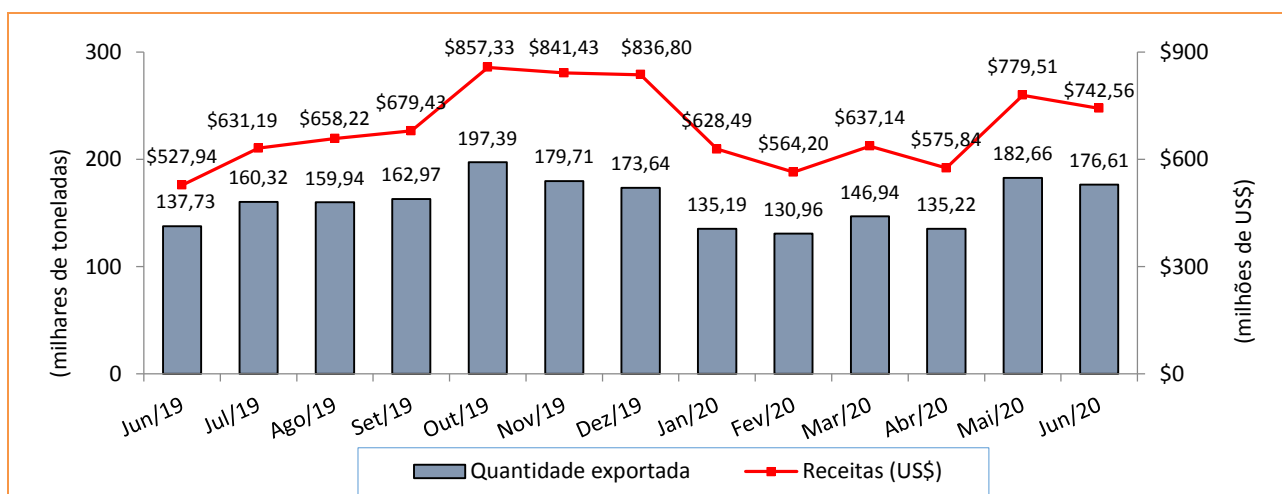


Figura 5. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada em junho foi de **US\$ 4.298,88/tonelada**, alta de **11,3%** na comparação com o mesmo mês de 2019, mas queda de **2,3%** em relação a maio deste ano.

No primeiro semestre de 2020, o Brasil exportou **907,57 mil toneladas** de carne bovina, com **US\$ 3,93 bilhões** em receitas. Em relação ao mesmo período de 2019, esses montantes representam altas de **9,3%** e **25,7%**, respectivamente. Os embarques de carnes bovina de janeiro a junho deste ano representam um recorde de exportações do produto no primeiro semestre de um ano, tanto em valor quanto em quantidade.

China e Hong Kong responderam por 60,5% das receitas brasileiras com exportações desse produto no ano.

Em relação ao primeiro semestre de 2019, a China ampliou em 165,4% o valor e 147,6% a quantidade de carne bovina importada do Brasil. Esses resultados são ainda mais importantes no momento atual, levando em consideração que a crise econômica decorrente da Covid-19 vem reduzindo a demanda por esse tipo de proteína no mercado interno.

De acordo com os dados da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia (Secex/ME), nas duas primeiras semanas de julho (8 dias úteis) observou-se aumento na média diária de carne bovina *in natura* exportada na comparação com o mesmo mês de 2019: 16,9% em valor e 14,0% em quantidade.

Em junho, Santa Catarina exportou **280 toneladas** de carne bovina, alta de 25,6% em relação ao mês anterior, mas queda de 40,9% na comparação com junho de 2019. O faturamento foi de **US\$ 964 mil**, 43,0% superior a maio, mas 31,3% abaixo do valor de junho do ano passado.

No primeiro semestre, Santa Catarina exportou **1,61 mil toneladas** de carne bovina, com **US\$ 4,96 milhões** em receitas, quedas de 25,2% e 19,5%, respectivamente, na comparação com o mesmo período de 2019. Hong Kong foi o principal destino da carne bovina exportada pelo estado este ano, respondendo por 56,5% das receitas.

Coronavírus

Desde meados de junho, a China, principal destino das proteínas de origem animal do Brasil, vem intensificando o controle sanitário sobre a importação de carnes, em meio à segunda onda de contaminação do novo coronavírus no continente asiático. Nas últimas semanas, a Administração Geral de Alfândegas chinesa (GACC) suspendeu a importação de carnes de unidades localizadas em diversos países.

No início de julho, a GACC suspendeu o credenciamento de sete frigoríficos brasileiros, sendo dois de suínos, dois de aves e três de bovinos. Desses, cinco estão localizados no Rio Grande do Sul e dois no Mato Grosso.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Após quedas drásticas em abril, em decorrência das medidas de contenção da propagação do coronavírus e outros efeitos associados à Covid-19, os preços dos suínos vivos registraram recuperação nos meses seguintes.

De acordo com os dados preliminares das primeiras semanas de julho, o movimento de alta se mantém firme. Na data de finalização do presente artigo (17/jul.), todos os cinco estados analisados apresentavam variações positivas em relação ao mês anterior (Figura 1).

O principal responsável por essas variações é a elevada demanda internacional, principalmente por parte da China. Contudo, a reabertura de bares e restaurantes em alguns estados, ainda

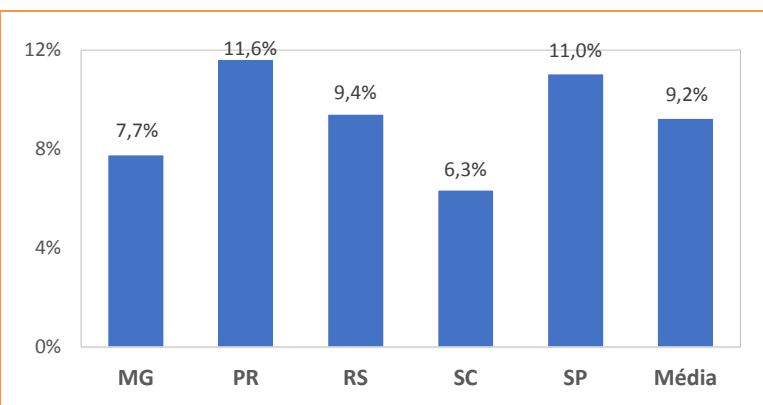


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (junho/julho de 2020*)

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

* Os valores de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/jul./2020.

que parcial, contribui para o aumento da demanda interna por carne suína.

Na comparação entre os valores atuais e os preços praticados em julho de 2019, verificam-se situações distintas entre os estados, mas com predomínio das variações positivas: 6,3% em Santa Catarina, 4,2% em Minas Gerais, 1,5% no Rio Grande do Sul e 1,4% em São Paulo. Somente o Paraná apresenta variação negativa no período, com -5,6%. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de **2,1%**, segundo o IPCA/IBGE.

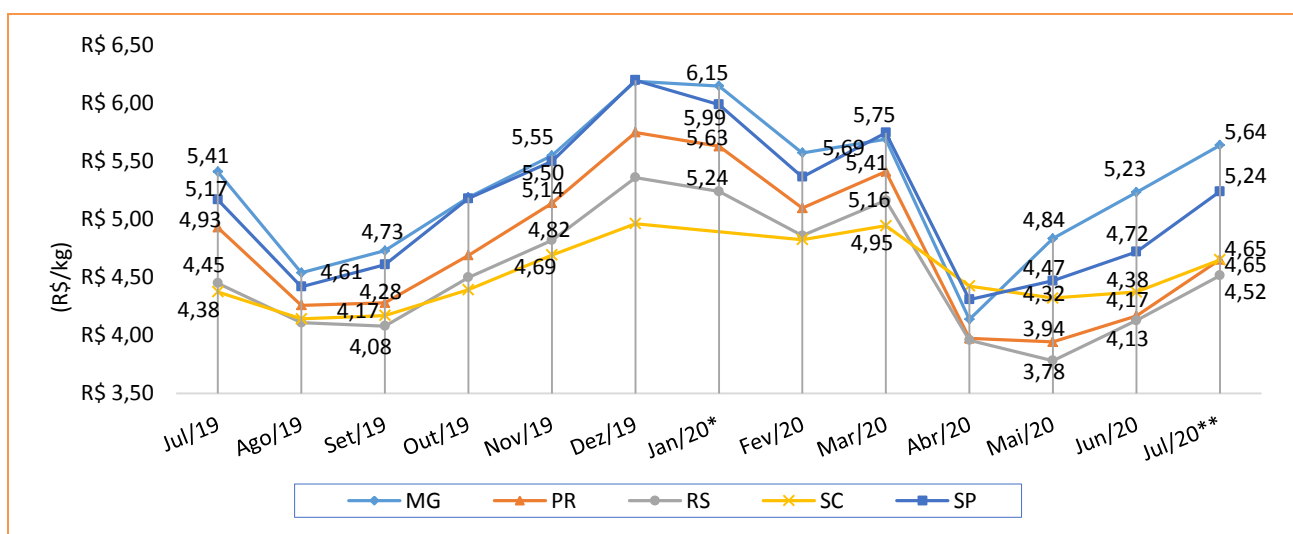


Figura 2. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R\$/kg)

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/jul./2020.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Embora o preço médio estadual das primeiras semanas de julho tenha apresentado alta de 6,3% em relação ao mês anterior, em Chapecó, praça de referência para o suíno vivo em Santa Catarina, as variações foram bem menos significativas: 2,0% para produtores independentes e 1,0% para integrados. Na comparação com julho de 2019, por sua vez, as variações são mais evidentes: 14,2% para os produtores independentes e 11,9% para os integrados.

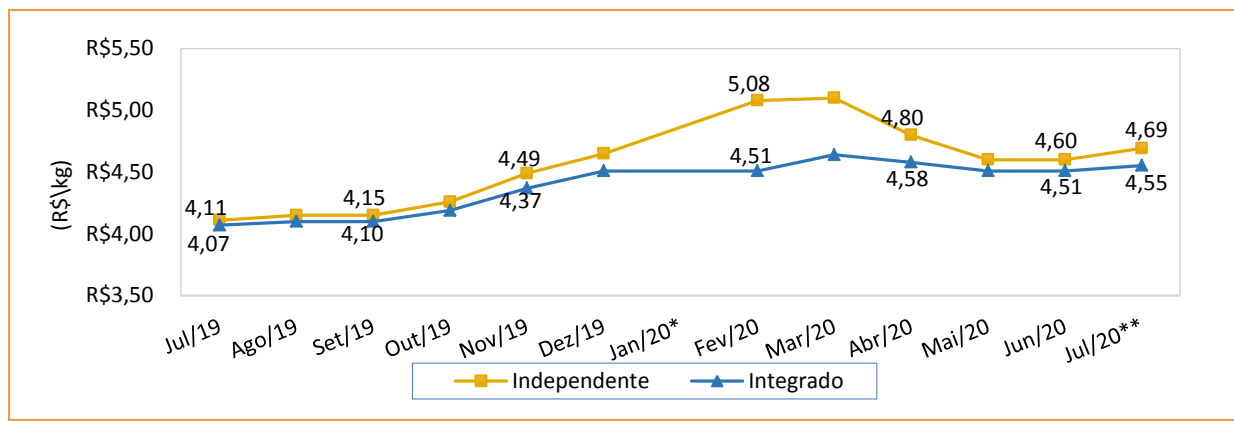


Figura 3. Suíno vivo – Chapecó/SC: preço médio mensal para produtor independente e produtor integrado

Fonte: Epagri/Cepa.

Assim como aconteceu em maio e junho, nas primeiras semanas de julho os preços de atacado da carne suína registraram predominância de altas. Dos cinco cortes acompanhados pela Epagri/Cepa, quatro apresentaram variação positiva na comparação com o mês anterior: carcaça (5,6%), carré (5,5%), costela (4,0%) e lombo (2,6%). O único corte que registrou queda foi o pernil (-2,2%). A variação média dos cinco cortes foi de 3,1%.

Em relação aos preços de julho de 2019, as variações também foram positivas na maiorias dos casos: carré (19,3%), costela (16,5%), pernil (9,9%) e lombo (4,9%). Somente o preço da carcaça apresentou pequena variação negativa em relação ao ano anterior (-0,4%). Na média, a variação no período foi de 10,1%.

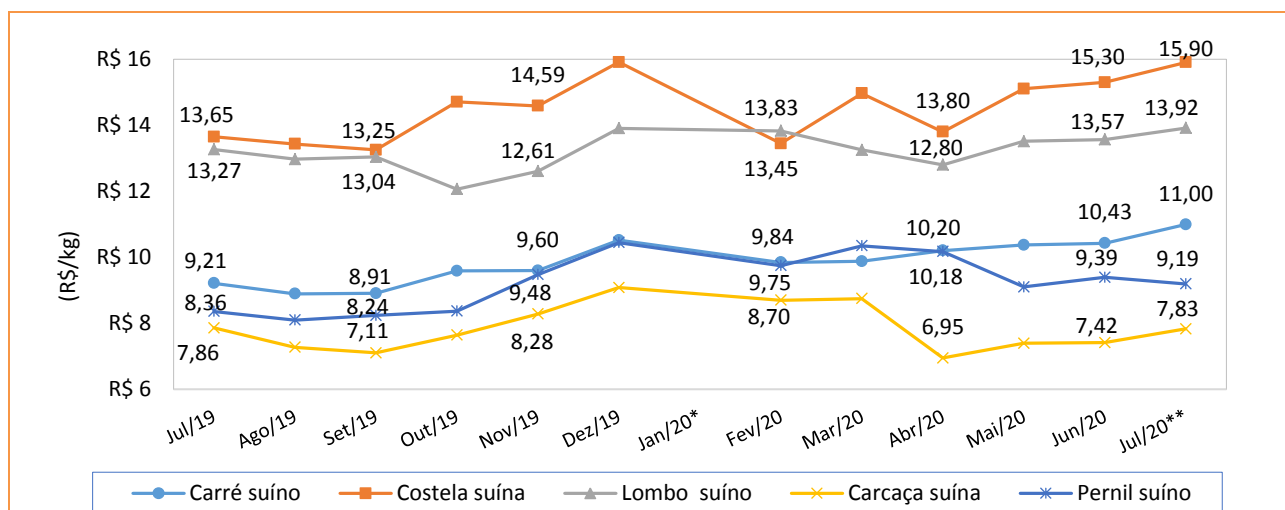


Figura 4. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual de diversos cortes suínos no atacado (R\$/kg)

* Preços não disponíveis para o mês de janeiro/2020.

** Os valores de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/jul./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Além dos já mencionados anteriormente (alta das exportações e reabertura de bares e restaurantes em diversos estados), outro fator que contribuiu para a elevação dos preços é a chegada do frio, principalmente nas regiões Sul e Sudeste, o que eleva a procura por esse tipo de carne.

Outra questão que pode favorecer o setor suinícola é a forte alta nos preços da carne bovina, que faz com que parte dos consumidores migrem para produtos substitutos mais acessíveis, como é o caso da carne suína.

Custos

Depois de quedas em abril e maio, os preços do leitões mantiveram-se estáveis nos dois meses seguintes. Em junho, o leitões de 6 a 10kg variaram apenas 0,3%, enquanto os animais de aproximadamente 22kg não apresentaram alteração de preço em relação ao mês anterior. Em julho, os preços médios preliminares de ambas as categorias apresentam variação de 0,4%. Na comparação com as médias de julho de 2019, há variações mais significativas: 13,2% para os leitões de 6 a 10kg e 10,5% para os leitões de aproximadamente 22kg.

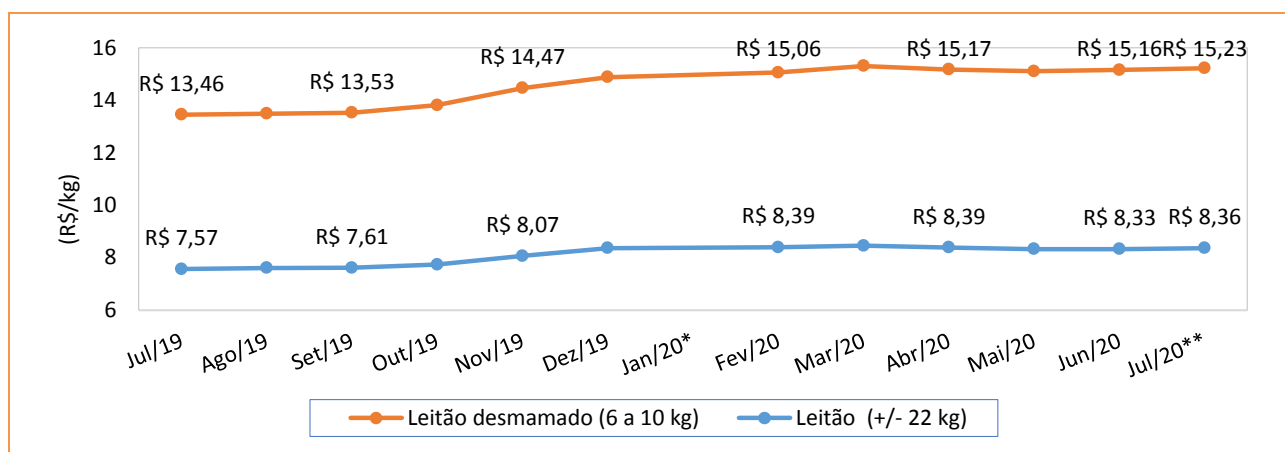


Figura 5. Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria (R\$/kg)

* Preços não disponíveis para o mês de janeiro/2020.

** Os valores de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 17/jul./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

O Índice de Custos de Produção de Suínos (ICPSuíno) de junho, calculado pela Embrapa Suínos e Aves, registrou queda de 0,5% em relação ao mês anterior. Considerando-se os últimos 12 meses, a variação foi de 17,9%, principalmente em função da elevação dos custos com nutrição (16,7%).

Após uma pequena queda em junho, a relação de equivalência insumo-produto voltou a registrar alta nas primeiras semanas de julho. De acordo com os preços preliminares deste mês, o indicador apresenta crescimento de 2,9% em relação ao mês anterior. Esse resultado é decorrente da alta no preço de atacado do milho em Chapecó (4,5%), apenas parcialmente compensada pela elevação do preço do suíno vivo na mesma praça. O valor atual do Índice é 14,2% superior àquele registrado em julho de 2019.

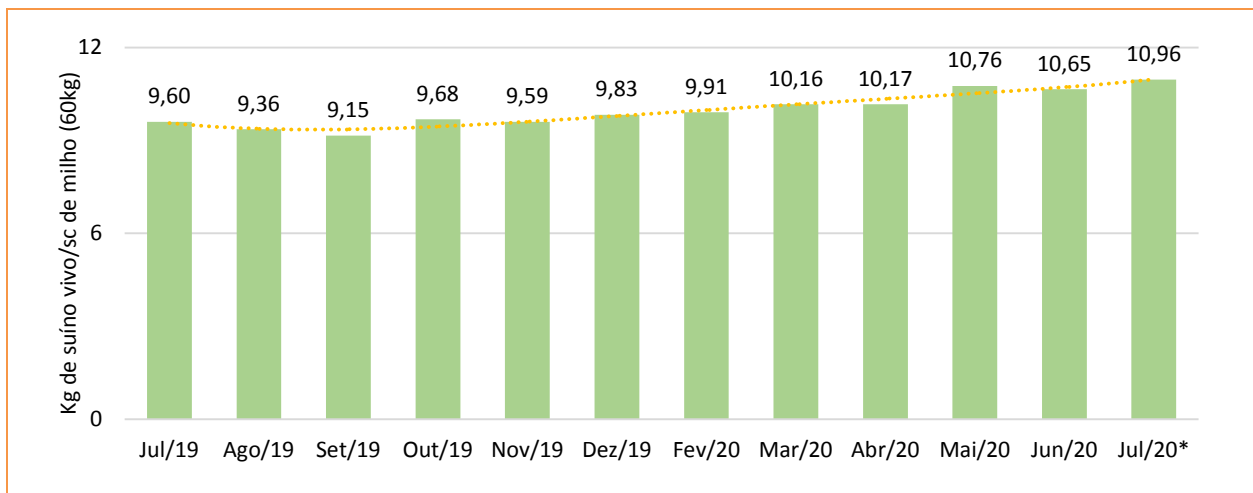


Figura 6. Suíno vivo - Chapecó/SC: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60kg de milho

Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro.

* O valor de julho é preliminar, relativo ao período de 1 a 17/jul./2020.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em junho, o Brasil exportou **95,0 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), **queda de 5,6%** em relação ao mês anterior, mas crescimento de **50,0%** na comparação com junho de 2019. As receitas, por sua vez, foram de **US\$ 196,86 milhões**, **-13,0%** em relação ao mês anterior, mas alta de **42,6%** na comparação com junho de 2019. Esses valores representam o segundo maior valor e volume exportados num único mês desde o início da série histórica, em 1997, ficando atrás apenas de maio passado.

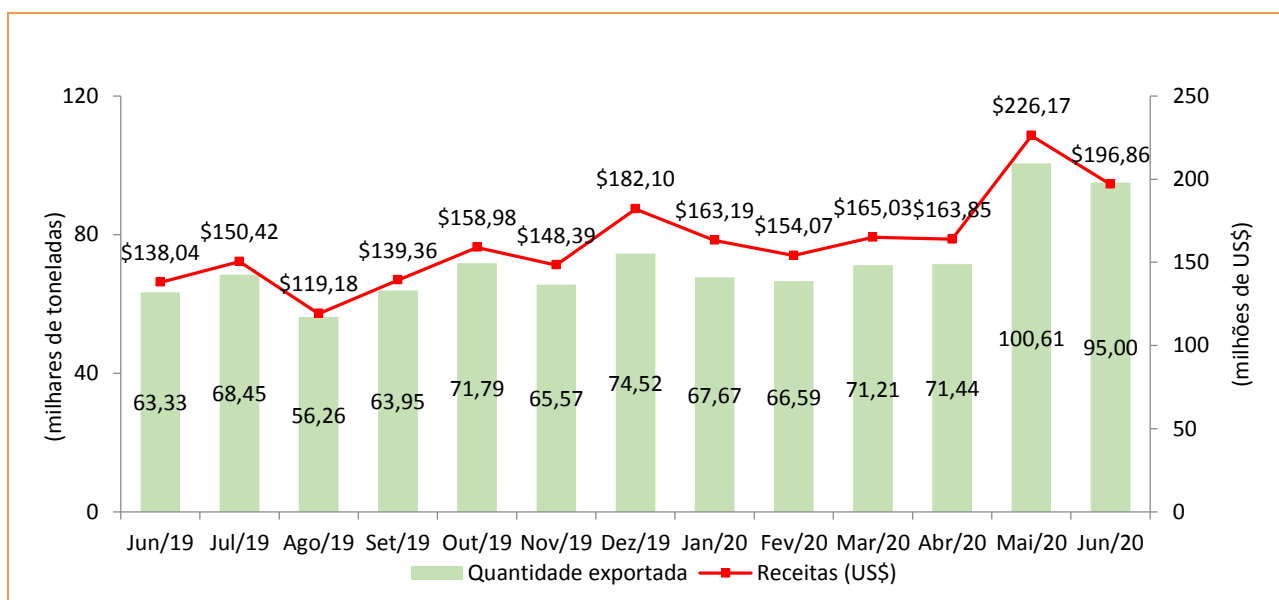


Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

No primeiro semestre deste ano, o país exportou **472,56 mil toneladas** de carne suína, com **US\$ 1,07 bilhão** em receitas. Em relação ao mesmo período de 2019, esses montantes representam altas de **36,9%** na quantidade e **52,4%** nas receitas.

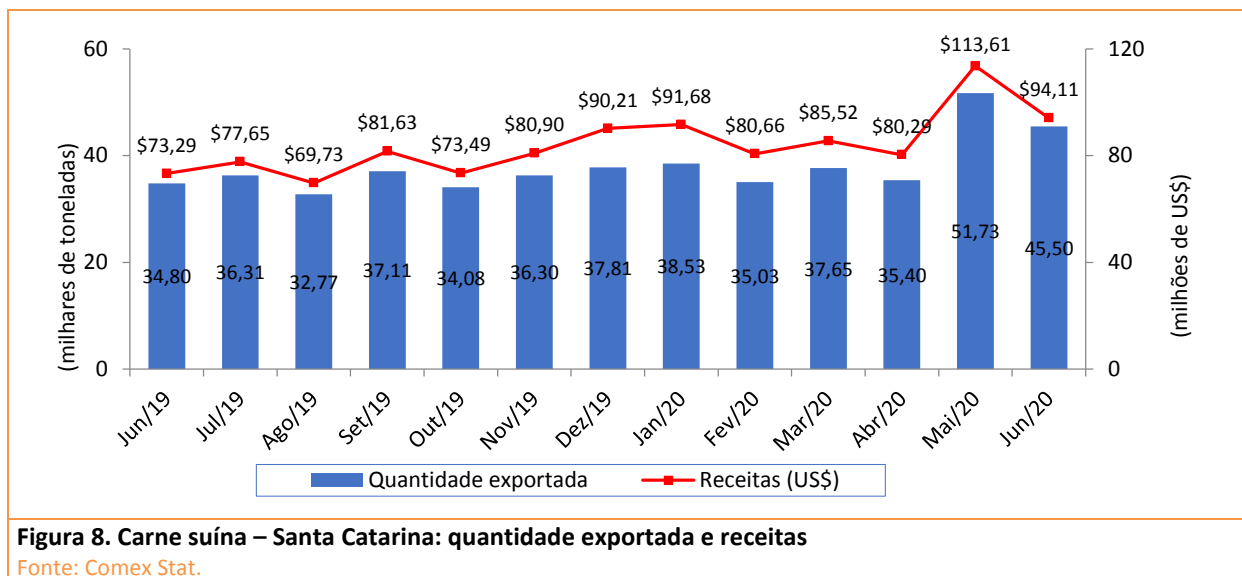
Os principais destinos das exportações brasileiras de carne suína no primeiro semestre foram China, Hong Kong, Cingapura, Uruguai e Chile, responsáveis por 85,5% das receitas no período. China e Hong Kong somam 70,9% do total.

Segundo dados da Administração Geral de Alfândegas (GACC), as importações totais de carne suína pela China nos primeiros cinco meses deste ano alcançaram 1,72 milhão de toneladas, aumento de 146% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Os dados da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia (Secex/ME) demonstram que, nas duas primeiras semanas de julho (8 dias úteis), a média diária de embarques de carne suína *in natura* apresentou altas significativas na comparação com o mesmo mês de 2019: 77,6% em valor e 94,0% em quantidade.

De acordo com a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), as exportações brasileiras de carne suína devem crescer entre 27% e 33% em 2020, puxadas, principalmente, pelo aumento na demanda asiática. Com isso, os embarques brasileiros deste ano podem chegar a cerca de 1 milhão de toneladas. Diante desse cenário, a produção nacional de carne suína deve crescer 6,5%, segundo projeção da ABA.

Em junho, Santa Catarina exportou **45,50 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), **queda de 12,0%** em relação ao mês anterior, mas alta de **30,8%** na comparação com junho de 2019. O faturamento de junho foi de **US\$ 94,11 milhões**, **-17,2%** em relação ao mês anterior, mas alta de **28,4%** na comparação com junho de 2019. Esses montantes representam o segundo melhor resultado mensal das exportações catarinenses de carne suína, ficando atrás apenas de maio passado.



O valor médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em junho foi de **US\$ 2.125,94/tonelada**, **queda de 7,2%** em relação a maio e de **3,2%** na comparação com junho de 2019.

No primeiro semestre de 2020, Santa Catarina exportou **243,83 mil toneladas** de carne suína, com faturamento de **US\$ 545,87 milhões**, alta de **20,6%** em quantidade e **38,6%** em valor quando comparado ao mesmo período de 2019. Esses valores representam o maior valor e volume já exportados pelo estado no primeiro semestre desde o início da série histórica, em 1997.

Santa Catarina foi responsável por **51,1%** das receitas e **51,6%** da quantidade de carne suína exportada pelo Brasil este ano.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses de carne suína, listados na Tabela 1, foram responsáveis por 84,6% das receitas e 82,2% da quantidade embarcada. China e Hong Kong responderam por 70,9% do valor e 69,6% do volume.

Tabela 1. Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 1º semestre/2020

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	329.910.161,00	139.081
Hong Kong	56.956.936,00	31.113
Chile	37.883.963,00	16.862
Japão	21.938.572,00	5.837
Cingapura	15.069.069,00	7.547
Demais países	84.112.650,00	43.392
Total	545.871.351,00	243.832

Fonte: Comex Stat.

A maioria dos principais destinos apresentou variações positivas nos valores acumulados deste ano em relação ao mesmo período de 2019, com destaque para China (110,8%), Japão (216,7%), Emirados Árabes (73,0%) e Coreia do Sul (53,8%).

Coronavírus

Desde meados de junho, a China, principal destino das proteínas de origem animal do Brasil, vem intensificando o controle sanitário sobre a importação de carnes, em meio à segunda onda de contaminação do novo coronavírus no continente asiático. Nas últimas semanas, a Administração Geral de Alfândegas chinesa (GACC) suspendeu a importação de carnes de unidades localizadas em diversos países.

No início de julho, a GACC suspendeu o credenciamento de sete frigoríficos brasileiros, sendo dois de suínos, dois de aves e três de bovinos. Desses, cinco estão localizados no Rio Grande do Sul e dois no Mato Grosso.

Peste suína africana

Segundo o Departamento Nacional de Estatísticas da China, a produção de carne suína do país teve queda de 4,7% no 2º trimestre de 2020, em relação ao mesmo período de 2019. Esse foi o 7º trimestre seguido de quedas. Quando se leva em consideração o primeiro semestre do ano, o recuo foi de 19,1% na comparação com o ano anterior. Esses resultados ainda são consequência da peste suína africana (PSA), que afeta o país desde agosto de 2018. A produção chinesa de carne suína deve recuar cerca de 20% neste ano, de acordo com analistas do Rabobank.

Por outro lado, não obstante as quedas na produção, o plantel de suínos da China vem crescendo desde o último trimestre do ano passado. De acordo com dados do Ministério da Agricultura e Assuntos Rurais do país, o número de suínos cresceu novamente em junho, considerando-se o total de animais vivos e o estoque de fêmeas, completando nove meses seguidos de altas. Entre setembro de 2019 e junho de 2020, o número de matrizes cresceu 28,6%, o que indica uma recuperação gradativa do plantel.

Leite

Tabajara Marcondes
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Preços

A reunião de junho do Conseleite/SC apresentou resultados surpreendentes. O preço de referência final de maio ficou em R\$1,3091/l, 4,1% acima do R\$1,2571/l projetado na reunião anterior. O mais surpreendente, contudo, foi o preço de referência de R\$1,5028/l projetado para junho (que serve de base para os preços a serem pagos em julho aos produtores), que significa um salto de 14,8% sobre o preço final de maio (Tabela 1).

Tabela 1. Leite padrão – Santa Catarina: preços de referência do Conseleite – 2018-20					
Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso			Variação (%)	
	2018	2019	2020	2018-19	2019-20
Janeiro	0,9695	1,1659	1,2273	20,3	5,3
Fevereiro	1,0128	1,2309	1,2342	21,5	0,3
Março	1,0857	1,1957	1,2974	10,1	8,5
Abril	1,1295	1,2185	1,3192	7,9	8,3
Maió	1,1522	1,2535	1,3091	8,8	4,4
Junho	1,3454	1,2036	1,5028	-10,5	24,9
Média do 1º semestre	1,1159	1,2114	1,3150	8,6	8,6
Julho	1,4050	1,1560		-17,7	
Agosto	1,2997	1,1918		-8,3	
Setembro	1,2582	1,1767		-6,5	
Outubro	1,2351	1,1516		-6,8	
Novembro	1,1358	1,1779		3,7	
Dezembro	1,1228	1,2227		8,9	
Média anual	1,1744	1,1966		1,9	

Junho/2020: Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC.

Em todo o histórico do Conseleite/SC, considerando-se os valores nominais (sem considerar a inflação), apenas em julho/2016 houve um preço superior a este¹⁰, de R\$1,5500/l. Naquela oportunidade, depois deste pico de julho (o preço de junho havia sido R\$1,3363/l), os preços caíram rapidamente para R\$1,3248/l, em agosto e para R\$1,1051/l, em setembro. Os preços de novembro e dezembro foram próximos a R\$1,00/l.

Naquela oportunidade, as principais razões desta acentuada queda foram: a) a dificuldade de os preços dos lácteos se sustentarem nos patamares que haviam chegado no varejo e no atacado (o exemplo do leite UHT é o mais ilustrativo: do final de julho até meados de setembro o preço caiu de cerca de R\$4,00/litro para cerca de R\$2,50/litro no varejo; destaca-se que este produto tem grande participação na formação do preço de referência do Conseleite/SC); b) o tradicional crescimento da oferta interna de leite no segundo semestre; c) o crescimento das importações (2016 foi o ano de maior importação dos anos recentes. A quantidade de lácteos importados, em equivalente a leite cru, representou 7,7% do total de leite adquirido pelas indústrias brasileiras inspecionadas. Como comparação, cita-se que em 2019 este percentual foi de 4%).

¹⁰ Esta comparação está desconsiderando o fato de que neste período houve algumas mudanças nos parâmetros de formação dos preços de referência do Conseleite/SC, relacionadas aos parâmetros de qualidade do leite, ao mix de produtos lácteos produzidos pelas indústrias, ao rendimento industrial do leite, entre outros.

Destes três aspectos, o único improvável de voltar a se repetir é o do crescimento das importações (ver abaixo). A oferta interna já é crescente, devendo aumentar ainda mais que a esperada ao longo dos próximos meses, estimulada, também, pelos atuais níveis de preços aos produtores. Quanto à sustentação dos preços dos lácteos no varejo e no atacado, a história mostra que o nível de consumo de boa parte da população brasileira, sobretudo a de renda mais baixa, é muito sensível às elevações de preços, os aumentos repercutem rapidamente em redução de consumo. Neste sentido, é fato que boa parte dos atuais níveis de consumo e preços só se sustentam pela renda provisória do programa de auxílio emergencial, que tem alcançado milhões de famílias de trabalhadores informais, microempreendedores individuais, autônomos e desempregados. O que significa que o fim ou a redução deste auxílio repercutirá negativamente sobre a demanda de lácteos e, conseqüentemente, nas atuais condições favoráveis de mercado.

Embora o cenário seja incerto e preocupante, o fato é que, surpreendentemente, os dois últimos meses foram bastante favoráveis à cadeia produtiva, incluídos os produtores. Os levantamentos da Epagri/Cepa mostram que, depois da queda de maio, os preços recebidos pelos produtores catarinenses aumentaram sensivelmente em junho e ainda mais neste mês de julho (**Tabela 2**).

Tabela 2. Leite – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ aos produtores - 2018-20					
Mês	R\$/l posto na propriedade			Variação (%)	
	2018	2019	2020	2018-19	2019-20
Janeiro	0,94	1,09	1,22	16,0	11,9
Fevereiro	0,94	1,17	1,26	24,5	7,7
Março	0,96	1,25	1,29	30,2	3,2
Abril	1,01	1,27	1,28	25,7	0,8
Maiο	1,09	1,32	1,19	21,1	-9,8
Junho	1,14	1,32	1,31	15,8	-0,8
Julho	1,30	1,23	1,50 ⁽²⁾	-5,4	22,0
Agosto	1,35	1,19		-11,9	
Setembro	1,31	1,21		-7,6	
Outubro	1,28	1,21		-5,5	
Novembro	1,24	1,19		-4,0	
Dezembro	1,11	1,18		6,3	
Média anual	1,14	1,22		7,0	

⁽¹⁾ Preço médio mais comum, das principais regiões produtoras, no período de pagamento.

⁽²⁾ Média provisória.

Fonte: Epagri/Cepa.

A próxima reunião do Conseleite/SC, a ser realizada na sexta-feira, dia 24/7, trará indicativos mais concretos da tendência do mercado para o mês de agosto, pois não apenas fixará o preço de referência final de junho como também projetará o preço de referência de julho, que serve de base para os preços a serem pagos aos produtores em agosto.

Balança comercial

Depois do substancial crescimento de 2016, as importações brasileiras de lácteos têm sido um tema pouco preocupante para o setor nos últimos anos. Isto é ainda mais evidente neste ano, visto que no primeiro semestre a quantidade de lácteos importados foi 33,2% menor que a do mesmo período de 2019. Na mesma comparação, as exportações aumentaram 12% e o saldo negativo foi reduzido em 41,7% (Tabela 3).

Tabela 3. Balança comercial brasileira de lácteos – 2018-20

Mês	Toneladas								
	Importações			Exportações			Saldo		
	2018	2019	2020	2018	2019	2020	2018	2019	2020
Janeiro	8.366	13.649	10.583	2.068	1.614	2.859	-6.298	-12.035	-7.724
Fevereiro	10.332	16.046	8.804	2.263	2.329	1.786	-8.069	-13.717	-7.018
Março	9.029	10.689	9.384	2.228	2.897	2.543	-6.801	-7.792	-6.841
Abril	11.965	10.864	5.997	1.343	1.661	1.812	-10.622	-9.203	-4.185
Mai	13.418	13.729	7.523	712	1.947	2.346	-12.706	-11.782	-5.177
Junho	11.077	10.954	8.445	1.042	1.612	2.156	-10.035	-9.342	-6.289
Total do 1º semestre	64.187	75.931	50.736	9.656	12.060	13.502	-54.531	-63.871	-37.234
Julho	13.848	9.949		1.127	1.799		-12.721	-8.150	
Agosto	13.266	9.858		2.018	1.893		-11.248	-7.965	
Setembro	11.863	12.759		2.653	2.035		-9.210	-10.724	
Outubro	18.471	9.777		1.919	1.959		-16.552	-7.818	
Novembro	17.919	10.826		2.207	2.074		-15.712	-8.752	
Dezembro	10.285	10.235		2.664	1.963		-7.621	-8.272	
Total anual	149.839	139.335		22.244	23.783		-127.595	-115.552	

Fonte: MDIC/SECEX – Comex Stat.

A continuar esse comportamento, a quantidade de lácteos importados, em equivalente a leite cru, deverá representar menos de 3% do total de leite adquirido pelas indústrias brasileiras